

LAÍS CORRÊA DE ARAÚJO

MARIA ESTHER MACIEL

organizadora

5

ENCONTRO
COM ESCRITORES
MINEIROS

13869.141
A663.4-l
2002

LAÍS CORRÊA DE ARAÚJO

MARIA ESTHER MACIEL
ORGANIZADORA

U.F.M.G. - BIBLIOTECA UNIVERSITÁRIA

INV. 03/0400



150070202

NÃO DANIFIQUE ESTA ETIQUETA

5

E N C O N T R O
C O M E S C R I T O R E S
M I N E I R O S



2002

FALE/UFMG



0334-64360

© 2002, LAÍS CORRÊA DE ARAÚJO
MARIA ESTHER MACIEL

COLEÇÃO ENCONTRO COM ESCRITORES MINEIROS/5

Coordenadora: HAYDÉE RIBEIRO COELHO

Projeto gráfico/capa: Beatriz Amaral

Foto capa: Eugênio Gurgel

Editores: Breno, Alda e Marco Antônio Durães

Transcrição depoimento/Seleção material bibliográfico e poético: Maria Esther Maciel

Revisão: Maria Esther Maciel

Impressão: O Lutador

Ficha catalográfica elaborada pelas bibliotecárias da FALE/UFMG

Laís Corrêa de Araújo / Maria Esther Maciel:
Organizadora – Belo Horizonte : Faculdade de Letras
da UFMG, 2002.
120 p. : il., fot.

Inclui bibliografia

ISBN: 85-87470-32-9

1. Araújo, Laís Corrêa de, 1927-. 2. Araújo, Laís
Corrêa de, 1927-, – Conhecimentos – Crítica. 3. Poetisas
brasileiras. I. Maciel, Maria Esther.

CDD : B869.141

BIBLIOTECA UNIVERSITÁRIA

08 / 08 / 02

1500702-02

Centro de Estudos Literários
Curso de Pós-Graduação em Letras - Estudos Literários
Faculdade de Letras da UFMG
Av. Antônio Carlos, 6627
31270-901 - Belo Horizonte - MG
Fone: (31) 3499-5133 / Fax: (31) 3499-5120

Meu especial agradecimento a Affonso Ávila, pela preciosa colaboração.

Agradeço também a todos aqueles que, direta ou indiretamente, contribuíram para que este livro se tornasse possível: Eneida Maria de Souza, Haydée Ribeiro Coelho, José Olympio Borges, Ricardo Maciel dos Anjos, Constância Lima Duarte, Márcio Pimenta, Maria Zilda Ferreira Cury, Myriam Corrêa de Araújo Ávila, Wander Melo Miranda e Alda Lopes Durães Ribeiro.

Este livro é uma publicação do Projeto Integrado de Pesquisa *Acervo de Escritores Mineiros*, desenvolvido com o apoio do CNPq, da PRPq/UFMG e do Curso de Pós-Graduação em Letras – Estudos Literários.

Todos os direitos reservados, nenhuma parte deste livro poderá ser reproduzida ou transmitida, sejam quais forem os meios empregados, sem permissão por escrito.

Colegiado de Pós-Graduação em Letras – Estudos Literários

Maria Zilda Ferreira Cury (Coordenadora), Jacyntho José Lins Brandão (Subcoordenador), José Américo de Miranda Barros (Titular) e Sérgio Alves Peixoto (Suplente) (Representantes de Literatura Brasileira); Lúcia Helena de Azevedo Vilela (Titular) e Gláucia Renate Gonçalves (Suplente) (Representantes de Literaturas de Expressão Inglesa); Haydée Ribeiro Coelho (Titular) e Myriam Corrêa de Araújo Ávila (Suplente) (Representantes de Teoria da Literatura); Leda Maria Martins (Titular) e Eduardo de Assis Duarte (Suplente) (Representantes de Literatura Comparada); Janaina Maria Ferreira Soares (Representante discente).

CEL – Centro de Estudos Literários

Constância Lima Duarte (Diretora), Maria Esther Maciel de Oliveira Borges, Thomas LaBorie Burns, Teodoro Rennó Assunção e Dilma Castelo Branco Diniz (Membros Titulares), Marli de Oliveira Fantini Scarpelli, Gláucia Renate Gonçalves, Vicente de Paulo Iannini, Márcia Maria Valle Arbex e Maria Cecília Bruzzi Boechat (Membros Suplentes).

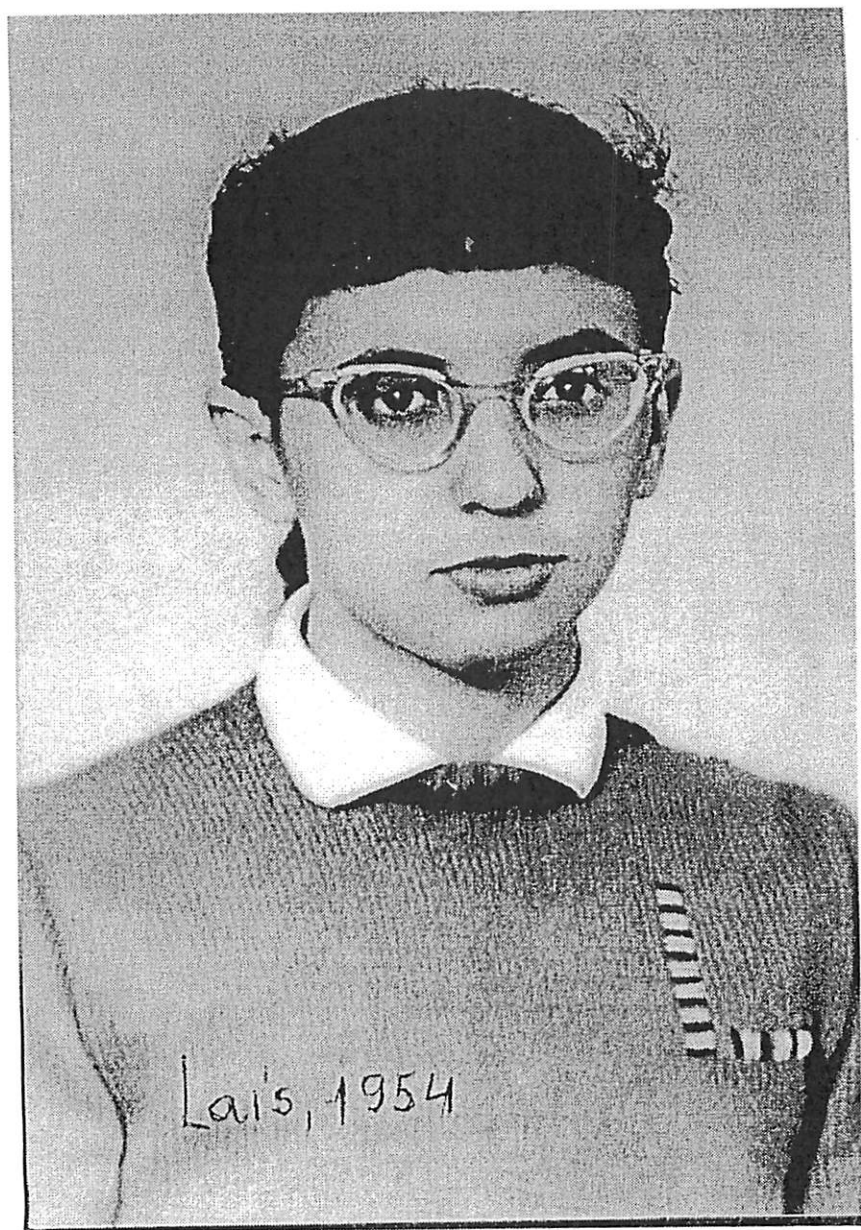
SUMÁRIO

O <i>PATHOS</i> DA LUCIDEZ – A TRAJETÓRIA POÉTICO-INTELECTUAL DE LAÍS CORRÊA DE ARAÚJO	13
Maria Esther Maciel	
DEPOIMENTO	27
Laís Corrêa de Araújo	
CRONOLOGIA	53
BIBLIOGRAFIA DE LAÍS CORRÊA DE ARAÚJO	71
BIBLIOGRAFIA SOBRE LAÍS CORRÊA DE ARAÚJO	79
LAÍS CORRÊA DE ARAÚJO E A CRÍTICA	93
BREVE ANTOLOGIA POÉTICA (1951-2000)	109

**Eu só, a pé, e pequena
enfrento o desafio.
Eu nós, lenta voz, a letra
crio.**

(Laís Corrêa de Araújo)

Lais em 1954, quando recebeu Prêmio de Poesia de *A Gazeta*, de São Paulo, pelo livro inédito *O signo*.



Lai's, 1954

O PATHOS DA LUCIDEZ

A TRAJETÓRIA POÉTICO-
INTELLECTUAL DE LAÍS CORRÊA
DE ARAÚJO

MARIA ESTHER MACIEL

Não a lucidez decantada de toda cumplicidade com as coisas ou os acontecimentos. Não a lucidez que se incompatibiliza com o exercício da respiração. Aliar ao lúcido o lúdico, o lírico, o úrico. Permitir-se à vertigem.

(Cordelia Lihn, sobre uma passagem de Cioran)

I

A palavra experiência desdobra-se em várias possibilidades semânticas: se, por um lado, associa-se a experimento e experimentação – do que advém o seu caráter de ousadia e risco, ensaio e tentativa –, por outro, aponta para uma forma de conhecimento transmitida pelos sentidos ou sabedoria adquirida de maneira espontânea durante a vida, referindo-se ainda a habilidade, perícia, prática, obtidas com o exercício ou o aprimoramento constante de uma arte ou uma profissão.

A experiência poética, compreendida enquanto ofício, prática de vida, perícia do fazer, operação dos sentidos, experimentação de formas, exercício de invenção em estado permanente de risco, passa, inevitavelmente, por esses e outros sentidos a que o termo se presta, dependendo da forma como cada poeta aí insere o seu ato particular de experimentar a poesia.

No caso de Laís Corrêa de Araújo, pode-se dizer que ela vem construindo sua experiência na interseção dessas possibilidades. Como poeta que sabe fazer de seu trabalho um campo aberto às potencialidades criativas da linguagem e aos influxos do que extrai de sua própria história pessoal, Laís nunca deixou também, desde o início de sua trajetória literária, iniciada em 1951 com a publicação do livro *Caderno de Poesia*, de se arriscar na criação de novos caminhos poéticos e na prática sempre ousada de atividades intelectuais nos campos da crítica, da ficção e da tradução. Como uma das raras vozes femininas da vanguarda poética brasileira dos anos 50 e 60, participou ativamente no contexto cultural mineiro desse período e dos anos subsequentes, sempre atenta aos principais acontecimentos estéticos do país e do mundo. Vale dizer, dentro disso, que foi a única representante feminina da *Semana Nacional de Poesia de Vanguarda*, realizada em agosto de 1963, quando integrantes do movimento da Poesia Concreta e da revista mineira *Tendência* reuniram-se em Belo Horizonte para articular uma frente ampla de poesia de vanguarda que pudesse conciliar as propostas de inovação e experimentação estéticas com um programa de intervenção crítica na realidade nacional.

Fato curioso relacionado a essa semana foi a pergunta “Por que a Laís está aqui?”, dirigida por alguém da platéia à mesa de abertura do evento. Obviamente, em se tratando de um encontro cuja radicalidade de propostas em nada se compatibilizava com o que a tradicional sociedade mineira do tempo definia como universo feminino, a presença de Laís Corrêa de Araújo só podia causar estranhamento. Além disso, ela não estava ali para cumprir, na condição de esposa do idealizador do encontro, o simples papel de anfitriã. Poeta já com dois livros publicados e outros em vias de publicação, Laís participava da *Semana de Poesia de Vanguarda*, ao

lado de Affonso Ávila, Haroldo e Augusto de Campos, Décio Pignatari, Benedito Nunes e Luiz Costa Lima, como legítima representante de uma vertente poética inovadora que, em Minas, manifestou-se a partir do final da década de 50, com o surgimento do grupo da *Tendência*.¹

Pode-se afirmar que, ao longo de toda a sua trajetória poético-intelectual, iniciada com a publicação do livro *Caderno de Poesia* em 1951, Laís nunca deixou de causar estranhamento e inquietação. Não bastasse sua atuação fora dos limites socialmente demarcados para as mulheres de seu tempo – haja vista sua intensa militância também nos campos da crítica literária, da tradução e do jornalismo cultural, sempre a partir de uma perspectiva irônica e não-complacente – a sua dicção poética nunca se confinou ao horizonte do que se convencionou chamar de poesia feminina. O que não significa, entretanto, um alheamento estético da poeta a questões relativas à sua experiência enquanto mulher. Pelo contrário, temas relacionados ao corpo, ao desejo, à memória e ao cotidiano familiar são recorrentes em sua poesia, só que atravessados pelos movimentos da ironia, da metalinguagem, da experimentação de formas e da lucidez crítica, como veremos mais adiante.

É na medida em que promove esse amálgama entre a experiência tomada como “prática de vida” e a que se situa na ordem do risco, da experimentação e da perícia do fazer que a relação de Laís com os procedimentos estéticos do concretismo não deixou de ser também matizada e até paradoxal. Mesmo quando manteve um pacto mais explícito com as propostas do movimento, o que se evidencia sobretudo nos poemas do livro *Cantochão*, de 1965, ela conseguiu aliar ao exercício do rigor e da inventividade formais a força da experiência vital transfigurada em

¹ O grupo, composto de poetas e críticos mineiros, dentre eles Affonso Ávila, Rui Mourão e Fábio Lucas, articulou-se em torno da revista de mesmo nome, a qual tinha uma orientação pluralista e buscou “sugerir as bases da formação de uma *consciência crítica* em torno do fenômeno literário”, defendendo uma relação dialógica entre formas literárias e consciência nacional. Cf. ÁVILA, Affonso. “Trinta anos depois: um depoimento muito pessoal”. In: *30 anos: Semana Nacional de Poesia de Vanguarda – 1963-1993*. Belo Horizonte: Secretaria Municipal de Cultura, 1993. p. 10-21.

poesia. Construiu, com isso, um universo poético no qual as sutilezas formais e as “tensões concentradas” da linguagem estão mediadas por uma subjetividade oblíqua, decantada do imediatismo dos acontecimentos, que ora se esconde sob a solidez da palavra substantiva, ora se assume explicitamente enquanto voz.

Desse movimento de levar ao domínio do sensível o rigor intelectual Laís extraiu, inclusive, algumas considerações teóricas sobre a poesia. Em um breve ensaio publicado no jornal *Estado de Minas*, em 1980, ela discorre sobre o ato de criação poética, chamando a atenção para o fato de que, se o “espaço emocional” existe na poesia, a sua conversão em “espaço poético” decorre de um ato consciente, que liberta o poema – através do rigor no processo de construção – do “estímulo primário” que o motivou. Sob esse prisma, completa, valendo-se de uma metáfora de cunho biológico:

*Essa “inspiração do sentimento” só é válida como início de um ciclo complexo de propagação de energia: o que tem importância é o resultado químico, depois da oxigenação sanguínea.*²

A metáfora já aponta para a dimensão vital do conceito que a autora nos oferece de poesia, na qual incide como fator determinante o apuro do fazer mediado pela força da consciência. A isso ela ainda acrescenta a potencialidade subversiva da palavra poética, uma vez que esta, rebelde ao “espírito pragmático de nossa sociedade de consumo”, desafiaria a lógica com sua própria lógica interna, afirmando seu caráter desestabilizador em relação aos postulados sociais.

Assim, acreditando que a poesia está e não está, ao mesmo tempo, na vida, Laís faz desse paradoxo uma das linhas de força de seu próprio processo de criação, no qual o ato de afirmação da palavra passa menos pelo que diz do que pela própria materialidade do dizer, possibilitando maneiras sempre renovadas de se ler e interpretar a experiência do mundo.

² ARAÚJO, Laís Correa. A poesia. In: *Estado de Minas*, 08/06/80.

Traçar, com as linhas da diacronia, o percurso intelectual de Laís Corrêa de Araújo não é tarefa realizável em um breve ensaio como este. Sobretudo se considerarmos os vários caminhos simultâneos trilhados por ela enquanto escritora, ensaísta, cronista e tradutora, e dos inevitáveis entrecruzamentos dessas mesmas vias diferenciadas de sua produção. Ao que se somam as distintas configurações que sua poesia foi adquirindo sob o impacto das demandas de cada momento de seu processo criativo.

Em diálogo explícito e implícito com muitas vozes poéticas do passado e do presente, dentre elas as de eminentes representantes femininas da poesia ocidental, como Santa Teresa de Ávila, Emily Dickinson, Gabriela Mistral, Gertrude Stein, Rosalía Castro, Cecília Meireles e Henriqueta Lisboa, Laís pode ser tomada ainda como uma das poucas poetisas-mulheres de sua geração a se filiar a uma linhagem poética que se transformou num dos ramos mais importantes da história da poesia e da crítica modernas: a dos poetas que, sob o signo da “paixão crítica”, não apenas converteram poesia em espaço de debate sobre o próprio ato de criação, mas também se dedicaram ao exercício da reflexão crítica, escrevendo textos sobre outros autores e obras, estudos sobre a poesia e considerações sobre temas de distintos matizes. Filiação esta, entretanto, que por se deixar atravessar, como já apontei, pelos influxos de outras vozes poéticas, pelos fluxos de uma dicção particularizada e pela abertura ao impacto da experiência, acaba por adquirir também uma grande flexibilidade, da qual advém uma lucidez que não se incompatibiliza com a existência, “com o exercício da respiração” – para trazer aqui uma referência de Cioran mencionada na epígrafe deste trabalho.

Laís Corrêa de Araújo nasceu em 1927. Sua entrada no mundo das letras deu-se muito cedo, quando, aos 15 anos, ingressou no curso de Línguas Neolatinas da atual Universidade Federal de Minas Gerais. Já na década de 40 publica seu primeiro texto poético no Suplemento Literário da *Folha de Minas*. Sua incursão mais efetiva no ofício da escrita manifesta-se, contudo, no início dos anos 50, quando conhece seu futuro marido, o também poeta e crítico mineiro Affonso

Ávila, e com ele integra o grupo da revista *Vocação*. Data desse período também o início de suas atividades como cronista da revista carioca *O Cruzeiro*, dos jornais mineiros *Diário de Minas* e *Estado de Minas* e, mais tarde, do Suplemento Feminino de *O Estado de São Paulo*.

Tais atividades no campo do jornalismo literário estendem-se por vários anos e ampliam-se a partir do momento em que, como uma das fundadoras do *Suplemento Literário do Minas Gerais*, na década de 60, Laís assume o cargo de membro-fundador de redação do jornal, ao lado de Murilo Rubião e Ayres da Matta Machado Filho. Lá, acresce, ao seu trabalho de redatora, as tarefas de resenhista, selecionadora de textos, tradutora e crítica literária. Vale mencionar, inclusive, a coluna que manteve, sob o nome de *Roda Gigante*, no próprio *Suplemento* (e, antes, no *Estado de Minas*), através da qual submetia a um exame cuidadoso e não complacente quase tudo o que lhe chegava aos olhos de leitora, fossem novos livros de autores conhecidos ou trabalhos de novos poetas e escritores. Isso tudo, em meio à sombria atmosfera que a censura crescente nesses anos de ditadura militar trazia para as redações dos jornais. E foi nesse momento “exaustivo, de resistência ética e estética”, que Laís iniciou também um trabalho profícuo no campo da tradução, vertendo para o português textos de Cortázar, Pound, Eliot, Sartre, Breton, Barthes, García Lorca, Robert Frost, dentre outros eminentes representantes do cânone literário da modernidade.

Se essas traduções tinham, como função imediata, “induzir e seduzir o praticante do vício literário” – palavras de Laís na introdução do livro em que reuniu vários desses textos traduzidos³ – também não deixaram de incidir no processo criativo da própria escritora e marcar, pelas vias transversas da intertextualidade, os rumos da produção poética do estado e do país. Merece atenção, por exemplo, a tradução feita do ensaio “L’activité structuraliste”, de Roland Barthes, em maio de 1963, e publicada no jornal *Estado de Minas* três meses depois de o original ter

³ ARAÚJO, Laís Corrêa de. Breve introdução. *Caderno de traduções*. Ouro Preto: Gráfica Ouro Preto, 1991/92. p. 5.

saído em Paris, na revista *Les lettres nouvelles*. Com esse trabalho, ganhava divulgação, pela primeira vez nos meios intelectuais brasileiros, um texto do pensador francês sobre o estruturalismo. Haroldo de Campos chegou a citar tal tradução em seu livro *Morfologia de Macunaíma*, de 1973,⁴ aproveitando inclusive alguns comentários de ordem teórica feitos por Laís sobre o texto barthesiano, o que evidencia a pertinência e a relevância de tal trabalho tradutório para os estudos literários do tempo.

Durante os mais de cinqüenta anos em que vem se dedicando à escrita poética, Laís Corrêa de Araújo publicou seis livros. Nos intervalos entre um e outro, muitos períodos de gestação criativa, atuação em eventos, encontros com escritores ilustres, como Ana Hatherly, Jakobson, Todorov, Murilo Mendes e Octavio Paz, dentre outros, além da publicação de outros sete livros nos campos do ensaio e da literatura infantil. Soma-se a isso a interlocução mantida pela poeta, por via epistolar, com vários escritores, críticos e intelectuais brasileiros, dentre os quais destacam-se Rosário Fusco, Alceu Amoroso Lima, Osman Lins e, em especial, Murilo Mendes.

No ofício de poeta, como já foi dito, sempre soube submeter inquietudes, sensações, experiências, saberes, indignações de ordem política, social e até feminista (penso aqui, nos poemas “Serve” e “Profissão de Esposa”, do livro *Decurso de Prazo*) à dosagem exata de um dizer sem sobras. Mesmo em seu primeiro livro, *Caderno de Poesia*, o exercício da precisão, da palavra concentrada, já se faz presente. Como disse o crítico Sérgio Milliet, a poeta Laís “surge estranhamente madura, e sua poesia já se caracteriza por viva depuração”.⁵ Mas a depuração, nesse caso, vem reinvestida de uma energia, de um *pathos*, que dinamiza sua materialidade. E esse *pathos* vai reaparecer – com maior ou menor densidade lírica – em vários momentos dessa poesia, ora encarnado na palavra amorosa, ora nas imagens do corpo e da memória, como se pode verificar nos livros *Caderno de Poesia*, *O signo e outros poemas*, ambos dos anos 50, e *Pé de Página*,

⁴ Cf. CAMPOS, Haroldo de. *Morfologia de Macunaíma*. São Paulo: Perspectiva, 1973, p.23.

⁵ MILLIET, Sérgio. *Diário crítico* (1951-1952). São Paulo: Livraria Martins Editora, 1955. p. 121.

de 1995, nos quais a força de gravidade da palavra é redimensionada por uma subjetividade viva, ainda que discreta.

É curioso que esse *pathos* se mostre – de forma mais intensa – em dois períodos tão distantes e distintos da história da poeta (nas décadas de 50 e de 90), visto que mais de quarenta anos os separam. No primeiro momento, a experiência manifesta é a da jovem poeta que se descobre enquanto tal e busca transfigurar, tanto pelo trabalho consciente quanto por uma inquietação lírica própria de seu tempo, o presente do corpo, da experiência amorosa, da leitura, das coisas e da própria descoberta da poesia. Já no segundo, o que se evidencia é a experiência de uma poeta já versada no labor exigente da linguagem, que passou por várias etapas em seu ofício literário, experimentou inovações, expôs-se aos perigos que toda ousadia poética requer e que agora se dá a liberdade de reinventar ironicamente o seu próprio passado através da memória. Uma memória que improvisa, cria e repensa um tempo no qual a vida, com seus acidentes e incidentes, é menos uma realidade do que um conjunto de traços, lacunas, sensações, inflexões, imagens e resíduos, constituído pelo e no próprio ato da escrita. Se, em *Caderno de Poesia*, a “impulsiva força da expressão”, aliada ao arrojo da técnica, é o que garante o vigor da linguagem poética, como bem observou Fábio Lucas na orelha do livro, em *Pé de Página* tal vigor advém de uma energia concentrada nas tensões do dizer, na ironia viva que desconcerta, muitas vezes, a demanda lírica de quem lê. Enquanto no primeiro livro a poeta, no poema final “Ato de Contrição”, diz “Perdoai, Senhor, se alguma vez/ não fui eu mesma”, em *Pé de Página* ela encerra a coletânea com um poema que, sob o título “Happy End”, aponta para a síntese (epifânica e, de certo modo, corrosiva) do que vem a ser o final feliz mais viável para aquela que, exatamente por ser poeta, nunca deixou ou deixará de experimentar o privilégio de ser sempre diferente de si mesma:

Ficar de boca
a b e r t a
à frente do
e n i g m a

No intervalo entre esses dois momentos do percurso da autora em que experiência vital atravessa de maneira mais evidente seu trabalho poético, assiste-se à irrupção de novos timbres, outros temas, recursos e estratégias de enunciação. Isso, porque Laís, ao invés de “ensimesmar-se num determinado estágio de sua obra, especializar-se em nuances de sua própria dicção, domiciliar-se confortavelmente em sua normatividade”, como diria Haroldo de Campos,⁶ prefere colocar-se em trânsito dentro da linguagem, sob um processo constante de auto-avaliação. Daí seus livros se configurarem quase sempre como réplica, confirmação e negação dos *anteriores*.

Pode-se dizer que a ironia, a metalinguagem explícita e a abertura para os experimentos táteis, sonoros e visuais da palavra predominam no período que vai de *Cantochão* (1965) a *Pé de Página*, e em especial nos poemas de *Decurso de Prazo*, de 1988. Neste, a experimentação advinda do contato estreito da poeta com a poesia concreta afirma-se como uma investigação intensa e rigorosa das várias possibilidades de expressão poética, ao que se conjuga a afirmação de uma voz enérgica, quase áspera. Em um jogo constante de ressonâncias e paronomásias, dinamizado pela cadência laminar das estrofes simétricas ou do verso incisivo (sonoramente, percutivo) que fecha cada bloco de palavras em vários poemas, temas existenciais, eróticos ou sociais ganham contornos imprevisíveis pela força da dicção mordaz da poeta. Como no poema “Silogismos”, composto de uma sucessão irônica de perguntas de ordem sexual, que traz no choque semântico e na tensão das rimas sua desconcertante solução:

*A língua sibilina
em quando falo
–fala?*

⁶ Campos refere-se, com tais palavras, ao percurso poético de Octavio Paz. Cf. CAMPOS, Haroldo de. Constelação para Octavio Paz. *Transblanco*. São Paulo: Siciliano, 1994. p. 197.

*O dedo viperino
em quando levita
– manuscrita?*

*A boca fescenina
em quando suga
– conjuga?*

*A pele colubrina
em quando chama
– diagrama?*

*O seio horizontino
em quando iguaría
– alegoria?*

*A coxa serpentina
em quando possessa
– expressa?*

*A anca messalina
em quando sodomia
– ritmia?*

*A gruta diamantina
em quando sumarenta
– argumenta?*

*O sexo saturnino
em quando estertora
– elabora?*

*A carne guilhotina
em quando estala
– cala.*

Do poema “Vocabulário” – em que o ritmo cortante coloca em relevo “palavras quentes”, orgânicas, obscenas, de expressa carga corporal – passando pelo sensualismo matemático do poema “Geometria”, pelo elogio do erro, em “Criação”, até o “tiro pela culatra” do poema intitulado “Poesia”, o livro joga criticamente também com certas formas discursivas advindas de outros registros disciplinares, como o verbete, as cláusulas jurídicas, as preces, os versículos, as fórmulas, os *slogans* e os dizeres dos manuais de instrução.

Percebe-se, sobretudo na primeira parte do livro, a presença de um erotismo que, por sua dimensão antilírica, em nada se compatibiliza com a sensualidade lânguida que predomina em certa vertente poética identificada como feminina. É o caso do já mencionado poema “Geometria”, no qual as leis da matemática e da taxonomia estão, engenhosamente, a serviço do ritual erótico do corpo:

*Para calcular
o valor de A
basta saber que
duas linhas paralelas
só se encontram no
infinito*
– instante de gozo.

*Para calcular
o valor de B
basta saber que
as forças de ação e reação
têm módulos iguais e são
diretamente opostas*
– seios contra corpo.

*Para calcular
o valor de C
basta concluir a
lei da inércia
(mera hipótese)
com que a concha
abriga o movimento.*

Sob o signo do “desassombro”, como observou José Paulo Paes,⁷ o ato ao mesmo tempo afirmativo e questionador da poeta, nesse livro, não apenas consegue desestabilizar a expectativa lírica do leitor, como também desafia certos discursos de autoridade imposta, como se pode ver no poema “Profissão de esposa”, no qual a voz do eu poético se viriliza sob a *persona* de um marido autoritário e, ao mesmo tempo, ridiculariza nas entrelinhas o discurso que subjaz a essa mesma virilidade. Feito de um vocabulário duro e jocosos, em dísticos ritmados pela força do imperativo, o poema tem uma nítida feição feminista, sem contudo recair no tom previsível do manifesto:

*Cala-te, burguesa,
e serve a minha mesa.*

*Cala-te, madama,
e serve-me na cama.*

*Cala-te, obesa,
e deixa a luz acesa.*

*Cala-te, obtusa,
e chama a minha musa.*

⁷ PAES, José Paulo. O mais do sinal de menos. *Os perigos da poesia*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1997. p. 66.

Aliás, não são poucos os poemas de Laís que problematizam questões relacionadas à mulher. Já em *Cantochão*, a meu ver o livro em que a poeta descobre a *sua* linguagem dentro da linguagem, temos disso uma mostra significativa. “Rural”, “Mandato”, “Sólida e Só”, “Descrição” e “Construção do Filho” destacam-se como exemplos. Só que neles, a contundência manifesta do “Profissão de Esposa” se apresenta obliquamente, pelas vias da metáfora substantiva. Se, num certo momento, essa obliquidade se faz ver em versos como “No muro um lagarto?/ Nem isso, lagartixa./ Porque nem ao menos sou/ fixa”, em outro, se dá pela identificação do “eu poético” à figura de Ceres, ou pela associação do processo visceral de “construção do filho” ao processo de gestação poética (“A mulher em seu ventre,/ tensão de arco e flecha,/ trama uma placenta complexa”). Para chegar a uma dicção um pouco mais direta, em “Sólida e só”, quando lemos no final:

*Não a língua sutil
– entranha a lacerar –
mas a lucidez abjeta
do azar.*

*Não feminina. Fêmea
Sólida e só, inteira,
Por um instante eterno
– clareira.*

Independentemente do tema, Laís submete tudo à precisão do que quer dizer e do como quer dizer. Até mesmo quando assume um “eu” mais biográfico, como já vimos no livro *Pé de Página* (onde à memória é dada a tarefa da invenção), a linguagem não perde sua medida. E é aqui, nesse ponto em que a “ficção vida” volta e o rigor permanece, que a poesia de Laís se aproximaria daquela que Murilo Mendes cultivou sobretudo a partir do *Tempo Espanhol*, de 1959. Uma poesia toda “nervo e osso”, na qual, como diria o poeta, o “tempo da memória explode substantivamente”. O que também se dá a ver, em certa medida, em seu último livro *Clips* (2000), no qual dialoga criativamente com trabalhos da

artista plástica Niura Bellavinha, através de poemas de dois versos que, pelo caráter lacônico e fragmentário, lembram a forma do pensamento-frase ou a do “texto-grafito” (de feição muriliana), ambas movidas por mecanismos de elisão e concreção. Cápsulas poéticas que iluminam, em um átimo, a densa visualidade dos traços da artista mineira, fixando em lapsos de tempo a vertigem e o silêncio.

Não por acaso, Laís dedicou um extenso e apurado estudo crítico à obra de Murilo Mendes, no livro intitulado *Murilo Mendes*, publicado em 1972 e reeditado, com acréscimos, pela Editora Perspectiva em 2001, dentro das comemorações do centenário do poeta. Tendo mantido com este um intenso diálogo epistolar, constatável pelas preciosas cartas reproduzidas no volume, Laís não apenas *constrói* o seu Murilo Mendes, através de um enfoque que contempla os pontos de tensão da obra do escritor e releva a materialidade de sua linguagem, como também cria para si mesma um precursor que soube aliar o *pathos* à lucidez, a experimentação de formas à experiência vital. Além de se revelar, ela mesma, uma ensaísta de notável erudição e acuidade crítica, atenta às filigranas do texto poético e minuciosa no trato dos caminhos e descaminhos da trajetória literária do autor.

Assim, por diferentes vias de atuação e dicção, Laís conjuga os sentidos multiplicados de sua experiência enquanto escritora, pensadora e tradutora, oferecendo-nos uma história de ousadia intelectual, independência crítica e insubmissão ao que chamou de “mundo das verdades altissonantes”. Através de uma intervenção incisiva em vários setores da vida cultural de Minas Gerais da segunda metade do século XX, e assumindo todos os riscos que esse tipo de intervenção demanda, ela – ao contrário do que pensou aquele participante anônimo da Semana de Poesia de Vanguarda de 1963 – nunca deixou de nos mostrar porque está aqui.

DEPOIMENTO

LAÍS CORRÊA DE ARAÚJO

Sou uma pessoa “bem nascida”, posso apresentar atestado de bons antecedentes... Meu pai, Lafayette Corrêa de Araújo, veio da linhagem da Casa Grande, de senhores de engenho de Pernambuco, descendente do Conselheiro do Império João Alfredo Corrêa de Oliveira, com ramificações com os Araújo Lima, Araújo e outros nomes citados pela história. Minha mãe descendia de espanhóis, sendo seu pai, Joaquim Fernández Rios, fazendeiro de café e com filhos poetas (Joaquim Rios e seu primo Antônio Marcos Rios, por exemplo).

Do lado pernambucano e do lado mineiro havia, pois, uma certa tradição de cultura, com muitos juristas e jornalistas conhecidos e respeitados. Meu pai, porém, emigrou para Minas, ainda muito jovem e recém-formado em Recife, pousando em Campo Belo, onde se casou com Josefina Rios, recém-formada em Escola Normal e que impôs a ele, para casar-se, continuar no exercício da profissão de professora, à qual tinha

devoção natural. Tiveram 8 filhos em Campo Belo: Leonardo, Plácido, Leda, Maria Lysia, Cícero, Djalma e Laís. Meu pai, nomeado promotor de justiça em São João del Rei, transferiu-se para aquela cidade, levando-me com poucos meses. Minha mãe continuou a lecionar lá, mas veio a falecer aos 39 anos, após um parto complicado, deixando um recém-nascido, Antônio Marcos, que faleceu quase a seguir. Portanto, eu fiquei com o título de “caçula” e passei a primeira infância sob cuidados do pai viúvo, sobrecarregado com tarefas de provedor e mãe, extremamente voltado para sua família.

Menina, eu vivi em São João del Rei, rodeada daquele ambiente de religiosidade e arte. A igreja de São Francisco de Assis era o ponto central de nossa vida, onde íamos brincar no amplo adro com suas palmeiras esguias (e assustadoras, nas freqüentes tempestades), as missas onde a música do coro nos envolvia, a teatral encenação da Semana Santa e todo o envolvimento barroco, entre trágico e deslumbrante. Como caçula, eu vivia no colo do meu pai, enquanto ele estava em casa, escrevendo seus arrazoados jurídicos e também poesia, que publicava no jornal local (sonetos parnasianos, é claro, mas bem trabalhados e cheios de sensibilidade). Assim, aprendi mais ou menos aos 4 anos a decifrar as letras, com a paciência de meu pai, que fez então uma previsão em carta a um tio: “essa menina vai longe”...

Não fui longe, acho, no sentido em que ele pensava, mas caminhei muito, entre o sofrimento, a luta pela sobrevivência, uma rebeldia natural contra a injustiça social e a dificuldade de afirmar a minha identidade. Por ter ficado órfã de mãe com 1 ano e de pai aos 7 anos, a tradição de proteção e prosperidade da família foi riscada do meu currículo. Houve desde então (1935) o peso da miséria sobre nós, os oito menores restando do clã.

Da casa patriarcal da rua São Francisco 36 (hoje rua Balduino de Almeida), a herança que havia desapareceu, não me lembro como. Distribuídos os filhos do Dr. Lafayette entre tios, vivemos por um ano em diversos lugares – eu, no Rio de Janeiro, com Zilah e Djalma, na casa de Carvalho Santos, casado com a tia Maria da Glória Rios. Nesse ano, minha

irmã, com 18 anos e recém-formada como professora-primária, estudou datilografia e estenografia, preparando-se para trabalhar. E como resolveu que devia reunir todos os irmãos, para recuperar o clã em 1936, nos mudamos para Belo Horizonte, cidade escolhida por causa do irmão mais velho, Leonardo, que morava aqui, em pensão, já ingresso na Faculdade de Direito. Moramos na mesma pensão e a Zilah foi resgatando os outros irmãos, recolhendo-nos todos sob o refrão “para o que der e vier.” Conseguira um emprego de datilógrafa e alugara um barracão na rua Timbiras, propriedade do Sr. Assumpção, por preço alto para a época, 200 mil reis – ela tinha o salário de 120 mil reis...

Do espólio de bens paternos, sobrara-nos apenas uma máquina de escrever Remington, uma penca de livros da biblioteca de meu pai, um rádio, o violino de Zilah, uma caixa de ébano com as jóias da família, e um quadro-negro. Como o barracão da rua Timbiras tinha um terreno grande na frente, com duas enormes mangueiras, meu irmão Leonardo instalou aí seu “curso de datilografia” e dava também aulas de reforço escolar, de português. O orçamento era pequeno para essa república de órfãos e, por algum tempo, *comemos jóias*, que a Zilah ia penhorando gradativamente na Caixa Econômica e nunca podia resgatar. Nossa moradia era então decorada com lemas pregados nas paredes. “Um por todos e todos por um”, tirado do livro *Os três mosqueteiros* – “saber não ocupa lugar”, ditado popular, e outros, sendo o principal, lido e repetido, o seguinte: “Não temos herança, só temos cabeças”.

Conscientes de nossa situação, o estudo, a leitura, a escrita eram os patrimônios desejados. Apesar da penúria, fomos matriculados em colégios baratos (o Colégio Afonso Arinos foi o meu) e éramos estimulados a manter acesa a tradição familiar de conhecimento. Os irmãos procuravam e trabalhavam nos empregos possíveis, de acordo com a idade de cada um. Tudo funcionava como uma cooperativa: qualquer dinheirinho ia para o caixa comum. Tínhamos o mínimo necessário para a sobrevivência, passamos um pouco de fome, roupas e sapatos muito estragados, a humilhação de ter o nome sempre citado “por atraso de pagamento” no colégio, nenhum “provedor” ou protetor, mas éramos todos estudantes e leitores ávidos, que juntavam os tostões para adquirir o bem precioso do

livro. Se não havia doces e pães no “guarda-comidas”, havia sempre a estante de caixote de livros... e a Biblioteca Pública Municipal da rua da Bahia, onde nos abastecíamos sem medida.

Minha formação literária foi desordenada e sem nenhum controle moral. Eu lia tudo o que vinha à minha mão, misturando Monteiro Lobato (todos os livros) com Chico e Juca (os meninos alemães endiabrados), a Condessa de Segur (as meninas exemplares) e as aventuras de Tarzan ou as histórias “de capa e espada,” como também os livros dos irmãos mais velhos, até *A carne*, de Júlio Ribeiro! Entendesse ou não, o prazer estava em ler, ler sem parar, na cama, em cima das mangueiras, no gabinete de leitura que é o Wc. Adorava a Emília, mas achava enjoada a Polyana, fiquei o resto da vida na dúvida entre o que era o Bem e o Mal, entre o romantismo de Alencar e as peripécias de Alexandre Dumas, entre o pranto que me causava a declamação noturna de meu irmão Plácido (“Vai alta a lua na mansão da morte”...) – que era viciado em poesia – e os contos recontados a mim e ao Djalma (os menores), não me lembro de quem, mas sempre trágicos ou tristes.

Apesar da dureza da vida e a escassez geral, fui bastante privilegiada e até mimada pelos irmãos, que me consideravam “muito inteligente” e me poupavam da ironia com que se tratavam uns aos outros. Sempre traziam algum “mimo” para a *Laisoca*, a *Zoquinha*, fosse uma simples violeta ou um pão sovado, que ainda adoro. Sofri ou fui feliz? Tive uma casa quente, pelo calor humano que ali reinava. Só percebi que éramos pobres e desimportantes quando vivemos na rua Aimorés, perto da igreja da Boa Viagem, região da Tradicional Família Mineira e entrei, meio enviezadamente, na “turma da Gameleira.”

...“a arada adolescência”...

Tentei ingressar na pequena burguesia da vizinhança (as famílias Vidal Gomes, Araújo Paulino, Mascarenhas e outras), mas nunca me senti dentro do esquema religioso e moral rígido da época. Só consegui ser “aprovada” pela Lélia Vidal Gomes, de quem me fiz confidente fiel e acompanhante nas matinês do Cine MetrÓpole, vestida e calçada por D. Alphar, a mãe dela, que quis muito me adotar. Comecei a fazer vida social,

a frequentar os *footings* na Praça Liberdade, a piscina do Minas Tênis Clube e até a ir ao Automóvel Clube, ajudei a fundar o Aimorés Esporte Clube e meus irmãos a fundar o Mackenzie. Comecei a trabalhar a meu modo, fazendo os “deveres de casa” das meninas da turma ou batendo (mal) à máquina as traduções do vizinho Professor Augusto Veloso, que passava para o português textos de Virgílio e o Ovídio da “Arte de Amar”... Ajudava a Lélia a decorar as lições de francês, história, segundo o método do Colégio Sacré Coeur, onde tudo tinha de ser recitado – e até hoje sei pedaços das lições.

“– Rodrigo, as tu de coeur?”

O curso ginásial da época ensinava francês, líamos e traduzíamos La Fontaine, Bossuet, aprendíamos latim e o português era todo em cima dos “Lusíadas”, com suas “ordens inversas”; nada era fácil ou facilitado como agora, onde não há repetência. É claro que, na minha família, era proibido levar bomba no colégio, pois não tínhamos como pagar e, assim, nenhum dos irmãos Corrêa de Araújo repetiu o ano, todos nos formamos e fizemos cursos superiores.

Com 15 anos completei o curso-ginásial, que durava então 5 anos, e ingressei logo na Faculdade de Filosofia, como aluna do curso de Letras Neo-Latinas. Era a menor e mais jovem estudante, com muita leitura porém, o que me facilitou bastante o cumprimento do currículo. Nunca fui uma aluna destacada e brilhante, o curso não era aprofundado e a gente saía com uma noção geral e um tanto superficial de literatura, mas tive professores muito bons, como Eduardo Frieiro, Arthur Velloso, Marcel Debrot, que despertaram em mim a ampliação de minha curiosidade, o empenho de conhecer. Parece-me que fui uma das poucas alunas que realmente *lia* os autores citados em aulas, não me contentando com informações biográficas ou citações.

Formada aos 18 anos, fiz logo o concurso do IAPI (hoje INSS), onde comecei a carreira de funcionária pública (1946). Em fevereiro de 1952 casei-me com o poeta Affonso Ávila, que conhecera em 1950, quando ele criou a revista *Vocação*, de que participei com meus primeiros poemas publicados. Ainda em 51, tive a surpresa de ver editado

o livro *Caderno de Poesia*, promoção secreta, em subscrição, do Affonso, que só me entregou o livro pronto, dentro de uma caixa de orquídeas. Um gesto romântico, com certeza, mas também de confiança estética no caderninho que eu lhe dera, manuscrito. Daí em diante, comecei a acreditar na literatura, como trabalho e paixão, pois o meu primeiro livro foi bem recebido pela crítica, que avalizou a minha condição de escritora. Daí por diante, esforcei-me por assegurar a minha independência intelectual (costumo dizer que sou casada com Affonso Ávila com “comunhão de bens” e não “comunhão de idéias”). Fazendo a seção “Conversas na mesa”, crônicas no jornal *Diário de Minas* e depois no *Estado de Minas* (então com o nome de “Roda Gigante”), entremeando as crônicas com divulgação de livros, respeitada por minha atitude crítica considerada “severa”. Trabalhei para o *Suplemento Literário do Minas Gerais*, criado também sob a sugestão e esforço de Affonso Ávila (e não apenas de Murilo Rubião), onde eu era a responsável pela seleção de textos (lia desbragadamente tudo o que chegava), responsável pela dupla página de crítica literária com o mesmo nome de Roda Gigante, fazendo ainda traduções de poesia e ficção, tendo sido a primeira a apresentar ao público um conto de Cortázar, Villefañe, outros autores latino-americanos, Ezra Pound, autores franceses, etc. – essa é chamada a “fase áurea” do Suplemento, quando também apareceram autores jovens e hoje importantes de nossa literatura. Outros livros meus também foram sendo editados nesse período, recebi prêmios literários diversos, e fiz as minhas “obras primas”: os cinco filhos, Paulo, Myriam, Carlos, Cristina e Mônica, de que muito me orgulho.

Não sei se esta vida tem alguma importância para alguém mais do que eu mesma. Sei só que lutei muito, sofri muito (sofro principalmente as ausências dos meus queridos irmãos e irmãs), encontrei um companheiro autêntico em Affonso, que admiro, respeito e sobretudo amo – e entrei na *senectude* sob a égide do anarquismo-cético (segundo definição de Benedito Nunes); de agressiva e insolente até passei a benevolente e meu lema é “perdão, mas não esqueço”. Quanto a mim, podem todos esquecer-me que não me importo nada. A vida não é fácil e é longa sua duração. Todos nós, os idosos, falamos apenas com nós mesmos, ninguém mais nos escuta, não tenho mais pique para mudar o meu

jeito de ser. Digo, um pouco perplexa, que vivo estes restos de dia com medo de pensar, pois “uma pessoa da minha idade, por mais que procure com todas as forças ficar na ponta dos pés, consegue ver apenas as primeiras sombras destes novos tempos”, explica Norberto Bobbio.

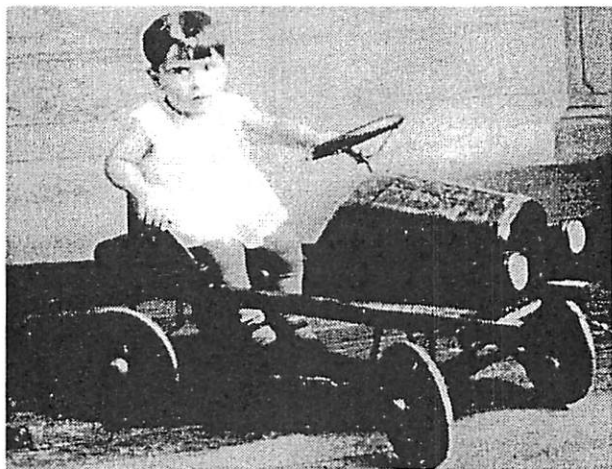
(Depoimento prestado na Faculdade de Letras da UFMG, em 1997).



*O pai de Laís, Lafayette Corrêa de Araújo,
quando da formatura pela Escola de
Direito do Recife, 1908*



*A mãe de Laís, Josephina Rios Corrêa
de Araújo, 1910*



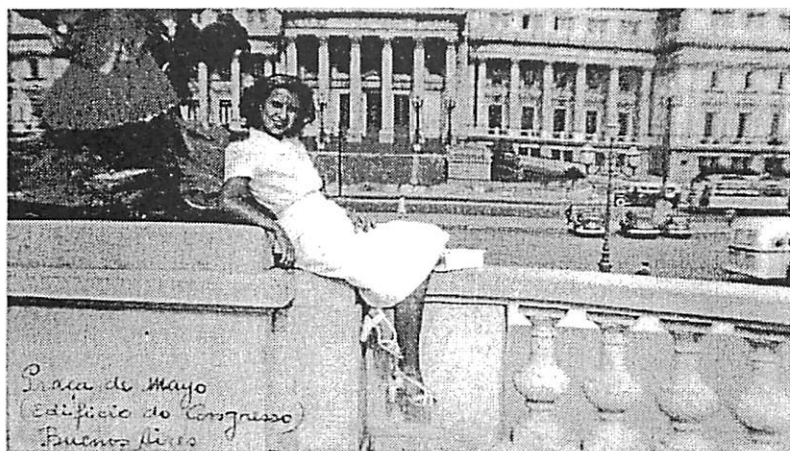
Laís na sua infância em São João Del Rey, 1930



Lais no Baile de Debutante no Automóvel Clube, Belo Horizonte, 1942



Lais na Ilha de Itamaracá, por ocasião de visita à família do pai, em Pernambuco, 1947



Lais na Plaza de Mayo, em Buenos Aires, 1948



Affonso e Lais, Inverno de 1951



Lais com os filhos Paulo, Myriam, Carlos e Cristina, 1960



*Lais com a filha caçula
Mônica, 1966*



*Laís e o romancista francês Michel Butor, Cultura Francesa,
Belo Horizonte, 1967*



*Laís e a amiga de infância Lélia Vidal Gomes da Gama,
Praça Tiradentes, Ouro Preto, 1970*



Lais e Lúcia Machado de Almeida, 1971



Lais e a irmã, escritora Zilah Corrêa de Araújo, no lançamento do livro "Murilo Mendes", Casa da Baronesa, Festival de Inverno de Ouro Preto, 1972



Lais e Rachel de Queiroz, na entrega do Prêmio Nacional Mobral de Literatura, Rio de Janeiro, 1973



Laís (E) com Teresinha Alves Pereira e Lygia Fagundes Telles, no Seminário Internacional Feminino de Literatura, Universidade de Bloomington, Indiana, Estados Unidos, 1973



Laís com Affonso, na Praia de Itapoã, 1974



Lais com Oscar Niemeyer, autor do projeto, discutindo a restauração da Biblioteca Estadual Luís de Bessa, de que era superintendente, 1984



*Augusto de Campos, Lais, Affonso, Eleonora Santa Rosa, Haroldo de Campos, Arnaldo Antunes, Cid Campos, Carlos Ávila, Décio Pignatari, Walter Silveira e Lívio Tragtemberg, espetáculo multimídia OUVÉR, 30 anos da Semana Nacional de Poesia de Vanguarda, Teatro Alterosa, 1993
(Foto de Patrícia Azevedo)*



Lais entre Amílcar de Castro e Affonso, na homenagem aos Ex-Alunos Destaque da Universidade Federal de Minas Gerais, Reitoria da UFMG, dezembro de 2000



Lais entre o Reitor Francisco César de Sá Barreto e a Diretora da Faculdade de Letras, professora Eliana Amarante de Mendonça Mendes, recebendo o título de Ex-Aluna Destaque da Universidade Federal de Minas Gerais, Reitoria da UFMG, dezembro de 2000

*Fac-símile da carta de Rosário Fusco a Lais
Corrêa de Araújo, datada de 05/08/1968.*

então a minha

Lais: se aí faz frio, aqui gela, lá gela, tegelelá. Cataguazes não é a mesma e eu estou numa casa emprestada de Granjaria, que de dia paga folhas e à noite - incontinentes diabéticas - mijam galo. Não olame, portanto, contra R. Ito., com seus sobeiros 15 graus. Aqui ninguém consulta termômetro, mas o médico, veterinários apressados em liquidar a gente. Annie está gripada desde maio. Eu, troncho e reumatizado desde março. Voilà. Se se salva os extremos (em idade): François, que dá bananas pro azar, e dona Auta que, afora const tucional defeito no botão da sintonia, ainda recebe e sente comunicados do astral, nos quais, invariavelmente, o João Quase-utaz se manifesta, em favor contra as reformas estatutárias da igreja que era do Honno Soutar e, agora, é da Herde. Por falar na última, me atolei nela: crivado de dividas, que ~~me~~ ^{estm} saldando às duas penas, estou com muitíssimas medo de acabar rico: com duas casus bonitas, a mulher que eu amo, ^{uma} aposentadoria ponderavel pra ela por der comprar outro - quando eu for - e um filho (respa do tacho) que é uma beleza até quando repete as sacanagens que eu lio ensino diariamente, sem saber em perceber que ele é o gravador in persona da tribo malacocabrada. A conta são de endereço no resolve assim: aos cuidados de Francisco Inacio Peixoto, rua do Posto. As dividas se solverão assim: pagadas no Banco do Brasil, onde estou secundo debaixo do meu laconico dos cadastros, recolhidas nas agências do dito, proximas e remotas: "elemento desconhecido". Com esse salvador anonimato, acho que não venderei o havido em Friburgo e, pelo contrario, caso panta aqui, poderei rever França, Oropa e Bahia. O livro está pronto, mas eu continuo polindo o dito numa febre perfeccionista que um bilhete seu jamais lhe transmitirá. É o caso do pedreiro, que a poder da Laidia, encoupe o segredo da obra: no seu caso, obra mesmo, no sentido popular mineiro: você. Não Cocô Chanel. mas o meu, o fedorento, o autentico voco existencial, pestoso e marron - prova de acido intestinal. O Branco exegrega, generosamente, opinando sobre o Vaca: o romance é mais assado do que assia... como ele disse. De qualquer modo (seu problema é a dactilografia) v. será, em vv, serão, você e Fonka, as primeiras leitoras e criticas dele. Já, na certeza antecedente, cientes de que é mais desabafo do que romance, mais cotica do que ^{de} do que ato de humildade do Letic-precador. Não me arrependo de ter nascido, apesar de não ter pedido isso: ou por isso. Publique as cartas como quiser, mas se manda os originais, quando puder. O Baudicira mitiu nome e palavras, mas não de seu parecer: nomeo dicuntium e palavras feitas quaisquer documentos humanos. Há sempre ~~uma~~ ^{seu parente} precedendo um pega e nomea numa instrução original.

Mais perto delas (Muriel e Abgar) você, apesar dos olhos, os vê et pour cause, muito melhor do que eu. Nisso não vai a menor restrição de ordem no real nos mancebos: mas reprettes de terra nascido em Minas. Não posso conceber um mineiro fazendo o serviço de nenhuma espécie. Sou do tempo do fio de barba funcionando como firma reconhecível: fio de barba, de pubis ou de sovaco. E... pelo cheiro individual, intransferível. Acabei a sequência de novo romance: ~~XXXX~~ S.A. (sociedade anônima). Tudo em sardina, nebuloso e nublado. Com as aporriações da casa liquidadas, apesar das dívidas em conta corrente, acho que liquidarei o planejado próximo crise em menos de um mês. D' tudo dependendo da saúde e do sol: Cataguases, neste momento, é a Londres da zona da mata, escura, fogueira, cinzenta, catiguaria e cinza. No mais, beije os meninos em nosso nome, estive a Fonka a fazer a antologia facocina, bote o Muriel nos trilhos e caculhahe o Abgar: entrar para acadêmica como tradutor é o supra sumo do não pode mais. Aliás, todos os acadêmicos que conheci, ou conheço, são tradutores: tradutores e traidores, na base do dito carcamano. Pois verham, ao monon, passar um fim de semana aqui. Para coisas em vv. se alternam a capacidade de trabalhar, a capacidade de ~~trabalhar~~ ^{monon} e a capacidade de viajar. Anule de junta a sim para abarça-los, e todos, e silenciosa e enrustida Zilsh no selo.

5.8.68



Tamícheim
 de ~~Alisson~~ ~~vi~~ ~~vi~~ as vults ~~vi~~
 na da ~~vi~~ ~~vi~~. Me agite, or ~~vi~~
 na a ~~vi~~, um ~~vi~~, ~~vi~~ ~~vi~~
~~vi~~ e ~~vi~~.

S. Paulo, 1º de setembro de 1969.

Bom amigo Laís,

Hoje, dia 1º de setembro, dia da festa nacional (Instituição de Juntar Militar, para substituir o governo civil de Costa e Silva) aproveito para responder a sua carta, de quase um mês. Por favor, é preciso que haja um golpe de estado, para que não haja expediente a, agora, a gente ponha a correspondência em dia. Tenho aqui um bom numero de cartas a responder. Bom, vamos aos fatos.

A esta altura, você já deve ter concluído Nova, Havana. Mandou-me dizer alguma coisa. Alá, é engraçado por lhe peça para mandar dizer alguma coisa. Precisamente hoje, neste dia, neste hora, quando nenhum escritor, se falar, não ouvida. Quando, em todas as jornais, se temo acesso as palavras dos generais (as velhinhos, colíacos) e dos comentaristas esportivos. Você tem razão, o trabalho de um escritor a literatura e continuado e solerte. O pior é que alguns imigrantes se metem na literatura e, lá dentro, trabalham de bandido. Laís: uma sociedade que não oferece condições de vida aos escritores, não existe. E não atribua isso, qual, toda culpa ao governo. A sociedade, o governo é hostil a cultura, e estranha a tudo que se parece com cultura, pensa que literatura e ordem do dia, que a única coisa importante no mundo é o patriotismo, que patrióticos a vender a patria por um preço e que um homem, se não tem o peito coberto de medalhas, é porage não tem as aças. Muito bom. Mas o povo brasileiro em geral também é intelectualmente incapaz de nutrir os seus escritores. Não falo de materialmente, mas também falo materialmente. Qual o escritor brasileiro que vive, se realizar um trabalho serio? Veja o teatro, há autores que obtiveram êxito fantásticos de bilheteria, alguns sucessos. Jorge Andrade. Há quando tempo não vemos peças deles nos palcos? Jorge Andrade: uns cinco. Anos e uns dez. O povo brasileiro não oferece continuidade, não permite continuidade nem mesmo nos autores que fazem sucesso ocasional. É um povo indiferente. Não ser que uma grande virada política mudece tudo isto. É possível. No momento, porém, a situação é essa. A censura, Laís, diante dessa coisa creio que agora dia e noite sobre o escritor é apenas uma crise de sarcasmo. Um estopim. A censura é uma desgraça. Mas é uma luta. Está ali, a gente investe contra, pode perder, mas sabe para onde investir. E este vento circular, esta indiferença que não se situa e que ignora o escritor, deixa cair. Não o ouve?

Sinto-me ligado ao Brasil. Acho que, como fiscalista, dificilmente poderia realizar obra que prestasse fora do país. Sinto-me também responsável, em parte, pelo povo brasileiro. Sinto-me na obrigação de pagar com ele os acontecimentos infelizes. Mas, lá digo: uma das coisas mais desesperadoras para o intelectual é pertencer a este país e viver nele. Assim, não posso ocorrer-lhe no seu desespero, lá me perplexidade. Eu também sou um desesperado. Também vou por aí, errante, sem dinheiro, relativamente pouco lido, mantendo-me digno ao meio a qualquer, recusando-me por todos os meios ao emagrecimento total e estrebulhandy, empunhado pela mão, para realizar contra tudo uma obra literaria. Contra tudo não digo, pois felizmente tenho saúde - podia ser epilético - e quieto me ajudo, faz o que pode. Mas, ali também é vilizada. Está há dois anos com um rancho pronto e até agora não encontrou editor. Por último, o melhoramento, se só de um dos livros de José Mauro, o mais recente confiteiro da praça, vendeu este ano 18.000 exemplares, devolvendo, alegando - por intercedio do Francisco Martins - que o momento não era muito propício para autores brasileiros. Por mais dinheiro que eles ganhem com o José Mauro, não lhes ocorre arriscar uma parte minima dos lucros num autor serio e que dá o seu depoimento sobre a nossa realidade.

Malá ou menos na mesma época em que recebi sua carta, chegou-me outra de Joel Pontes. Estava nos E.U.U. teve que voltar ao Brasil, depois de ensinar em Austin, na U.de New York e na de Tulens, para ganhar: São cruzados numa Faculdade e menos de 500 no outro, em Pernambuco. Para sobreviver, gastá trabalhava 8 horas por dia em turismo... (Quer dizer que a culpa não é só do capitalismo. Nos E.U.U., por mais capitalistas que sejam, ainda há, segundo pareceo, algum lugar para a cultura.) E assim marcha o Brasil para o seu glorioso destino, com esquadrões de morte, frações feitas, mentiras eufônicas, insensibilidade as necessidades do povo, e assim por diante. - Bem, um dia nos encontraremos e bateremos um papo pra valer. Por ora, vão as lembranças de Julieta e o meu abraço fraterno, para você e o Affonso. Seu

Osman

P.S. - Não comentel o Ex-Lúdio de Taberna Minhoça. Deus, ó Deus, onde estas que não te vendes? O.L.

Fac-simile da carta de Osman Lins a Lais Corrêa de Araújo, datada de 01/09/1969.

ROMA, 28. 7. 72.

QUERIDA LAÍS,

ADAUO!

ESTAMOS CONTENTÍSSIMOS, SEU ENSAIO É MAGNÍFICO, E DURANTE MUITO TEMPO A ELE DEVERÃO RECORDAR OS QUE SE INTERESSAREM PELA NINHA POESIA. VOCÊ AGORA PASSA A FIGURAR NA PRIMEIRA LINHA DOS CRÍTICOS BRASILEIROS. SAULMIYE ENTEN ME DISSE: « DÊTE LÍURO SALTA A IMAGEM DE UM GRANDÍSSIMO POETA ». SINTA ME ATÉ ABAFADO...

DIREI À MANEIRA ANTIGA: SEU ENSAIO FOI ESCRITO COM AMOR, AMOR, INTELIGÊNCIA, CULTURA, « FENETRAÇÃO », VASTO CONHECIMENTO DA OBRA ESTUDADA, E ÍNTIMA ADESAO À MESMA. QUE MAIS POSSO DIZER, A NRO SER:

GRATÍSSIMO : AOS
DIAS

O VOLUME ESTÁ A GRADÁVEL DE SE FOLHEAR. C/ RICA DOCUMENTAÇÃO, AS NOTAS ABUNDANTES. SAULMIYE RECORDOU SÓ UMA COISA: ACUCI NA A

FOTO (CAPA E FRONTISÍCIO): "PARECES UM GANGSTER". QUANTO A MIM, LAMENTEI QUE A FOTO DE MINHA MÃE NÃO TENHA O MESMO PORNA-TO DO DO MEU PAI, DESEQUILIBROU A PÁGINA.

DEVEREI IR AO BRASIL EM AGOSTO - SÓ, IN-FELIZMENTE. UMA SEMANA PARA REVER PARIS, ALGUNS DIAS EM LISBOA (ESTAS ETAPAS, COM A MAMMÊ, FELIZMENTE) - DEPOIS, RIO, S. PAULO, BRASILIA, B.H., J. DE F. PELA MAMMÊ, ESTE É O PLANO. AINDA NÃO SEI O DIA DE CHEGAR AO RIO. SERÃO AVISADOS. SERÁ UM GRANDE PRAZER CONHECER-LOS PERSONALMENTE.

RUGGERO É O FAVOR DE PROVIDENCIAR A RETENÇÃO, POR VIA AEREA, DO CARIÓTIPO DOS SOGROS E DAS IRMÃS CRÍTIAS: RUGGERO SACCHI

VIA CARLO PASCAL 22, SCALA B. INT. 16 A. -
DE S. GIOV. ROMA; LUCIANA STEBANO FIGLIO
VIA CRISTAVOLTA 7 - CP. 00195 ROMA; E
JULIO RICHMUND MEYERHOFF - 53 BONN - BAD
GODESBERG. 4 STEUBENRING-4 - APT. 2, BUN-
DESRP. ALEMANHA.

"GRAZIE" AINDA PELOS RELATOS DE JORNALS, PEAS SUAS BOAS REFERÊNCIAS A MIM, NO "E. DE MINAS". GRAZIE GRAZIE GRAZIE. AFETUOSOS ABRACOS DOS DOIS AOS

DOIS.

SEUÍSSIMO
BRUNO

Petrópolis 14 fevereiro 1973

Dona Lais

Você nem pode imaginar a alegria que sua carta me proporcionou. É bem certo que, a esta altura da vida (ou da morte como Hernando preferia dizer), tanto os loubores como os ataques são muito de leve e de longe nos atingem. Quando se aproxima a hora final da verdade, tudo mais é vaidade e fongueur de tempo! Há, entretanto, certas manifestações, particularmente certas pessoas, que nos tocam de modo especial. Fede estar certa, minha cara companheira de viagem, nesse território tão traiçoeiro da vida literária, que seu jeito tem para mim muita importância. Forten-unos ambos, creio eu, a uma espécie que não dissocia a li-e atura da vida e portanto da firmância dos valores morais. É, ao mesmo tempo, consideramos o materialismo literário, suicida, caso uma di pla corrupção da ética e da estética. Não abça?A coincidência e nosso pensamento sobre o Modernismo, portanto, me faz prazur. E suas palavras também, pois acredito que sejam sinceras, como tudo o que você escreve, por mais que, notaseja sinte que são mal aplicadas.

Dizem-me e sta manhã frei Clarença que já há á em os originais do seu livro sobre o nosso Murilo. Ela amostra de que publicou na revista ja'estou subereando o texto.

Você e seu marido formam um desses casais de que a história literaria nos dá exem los façosos, como Heloisa e Abelardo, Luísa e Jacques, Elza e Aragon etc. e de que tivemos o temos vários entre nós como Lucia e Otávio, Saudade e Murilo, Maria de Lourdes e José Geraldo etc. Que Deus os proteja, a voces, por longos anos. Foi, na estrada do entãdes do fim da vida, não há felicidade maior, bem o sei por experiencia propria, do que envelhecer a dois!

Seu velho admirador e amigo

ALCEU AMOROSO LIMA


Alceu Amoroso Lima

CRONOLOGIA

1927

- Nasce em Campo Belo (MG), 3 de março, filha do advogado e professor pernambucano Lafayette Corrêa de Araújo e da professora mineira Josephina Rios Corrêa de Araújo. Avós paternos: Antônio Corrêa de Araújo Lima e a prima e esposa deste, Antônia Corrêa de Oliveira Andrade, ambos de Timbaúba (PE). Avós maternos: coronel Joaquim Fernandes de Oliveira Rios e Bárbara Amélia de Almeida Rios, ambos de Campo Belo (MG). Seu pai, logo depois de formado pela tradicional Escola de Direito do Recife, foi nomeado Procurador da República no Acre, onde exerceu também funções de Governador do antigo Território, e transferido a seguir para Minas, aqui se casando e constituindo família.

1928

- Muda-se com os pais para a cidade de São João del Rei, que considera sua terra adotiva.
- Falece na mesma cidade sua mãe Josephina.

1934

- Inicia sua alfabetização regular no Grupo Escolar João dos Santos, na cidade de São João del Rei.

1935

- Falece, na cidade de São João del Rei, seu pai Lafayette.
- Muda-se para o Rio de Janeiro, onde passa a residir com seu tio e tutor, o jurista João Manoel Carvalho Santos, e dá seqüência ao curso primário.

1936

- Muda-se, com os irmãos Leonardo, Zilah, Plácido, Leda, Maria Lysia, Cícero e Djalma, para Belo Horizonte, onde se matricula no Grupo Escolar Affonso Penna.

1937

- Conclui o curso primário no referido Grupo.

1938

- Inicia o curso ginásial no Colégio Affonso Arinos, onde terá como colega, dentre outros, o futuro escritor Autran Dourado.

1942

- Conclui o curso ginásial no referido Colégio e, em dezembro, presta vestibular para o Curso de Línguas Neo-Latinas da atual Universidade Federal de Minas Gerais. Concomitantemente, cursa por algum tempo o Conservatório Mineiro de Música.

1943

- Participa, com a amiga de infância Lélia Vidal Gomes e outras, da fundação do Aimorés Esporte Clube, mais tarde transformado em Mackenzie Esporte Clube. Pela mesma época, pratica natação no Minas Tênis Clube e é aluna de balé da professora Nathalia Lessa.

1944/5

- Frequenta aulas de artes plásticas do mestre Alberto da Veiga Guignard na Escolinha do Parque Municipal.

1945

- Com dezoito anos, bacharela-se em Línguas Neo-Latinas pela atual UFMG, como a diplomada mais nova da turma, em que tem como colega, dentre outras, a cantora Maria Lúcia Godoy.
- Publica, pela primeira vez na imprensa, o poema “O vento” no Suplemento Literário da *Folha de Minas* editado por João Camillo de Oliveira Torres.

1946

- Ingressa, por concurso, no Serviço Público Federal, como escriturária do antigo IAPI (hoje INSS).

1947

- Viagem a Pernambuco, para conhecer a família do pai.

1948

- Viagem cultural ao Uruguai e Argentina, em companhia do irmão Djalma.

1950

- Conhece o poeta Affonso Ávila, passando a integrar o grupo da revista de novos *Vocação*.

1951

- Publica o poema “Desencontro” no primeiro número de *Vocação*, referente a janeiro-fevereiro.
- Participa, em Porto Alegre, do IV Congresso Brasileiro de Escritores, presidido por Graciliano Ramos.
- Lança o primeiro livro de poemas, *Caderno de Poesia*, na coleção Santelmo da revista *Vocação*, estréia que obtém repercussão, merecendo artigo especial do crítico Sérgio Milliet no jornal *O Estado de São Paulo*.

1952

- Casa-se com o poeta Affonso Ávila, com quem terá os filhos Paulo, Myriam, Carlos, Cristina e Mônica.
- Inicia suas atividades de cronista na revista *O Cruzeiro*, do Rio de Janeiro, nos jornais *Diário de Minas* e *Estado de Minas*, com a seção “Conversas na Mesa”, e depois no Suplemento Feminino de *O Estado de São Paulo*, atividades que se estenderão até 1959.

1954

- Participa do Congresso Internacional de Escritores, comemorativo do 4º centenário de São Paulo, quando conhece o romancista William Faulkner.
- Recebe Prêmio de Poesia do jornal *A Gazeta*, de São Paulo, pelo livro inédito *O Signo*.

1955

- A Editora José Olympio, do Rio de Janeiro, lança *O Signo e Outros Poemas*, com ilustrações de Sara Ávila.
- Traduz as peças *A Voz Humana*, de Jean Cocteau, *Mariana Pineda*, de Federico Garcia Lorca, e peças avulsas de Arrabal, no período 1955/1960.

1956

- Passa a exercer a função de secretária particular da senhora Francisca Tamm Bias Fortes, esposa do Governador do Estado José Francisco Bias Fortes, função que ocupará até janeiro de 1961.
- O grupo de Teatro Experimental inicia suas atividades com a encenação da peça *A Voz Humana*, de Jean Cocteau, em tradução de Laís e com a direção de Carlos Kroeber.

1957

- Voltando de viagem a Israel, Cecília Meireles realiza em Belo Horizonte conferência sobre a presença bíblica na poesia brasileira. A autora de *Romanceiro da Inconfidência* é saudada por Laís, em palestra que analisa a obra da grande poeta.

1959

- Passa a assinar, primeiro no jornal *Estado de Minas* e depois no *Suplemento Literário do Minas Gerais*, a coluna de livros e crítica literária “Roda Gigante”, que manterá até 1986.
- O Colégio Nossa Senhora da Piedade inaugura a Biblioteca Infanto-Juvenil Laís Corrêa de Araújo.

1960

- O Conjunto Teatral do SESI encena, no Teatro Francisco Nunes, a peça *Mariana Pineda*, de Federico Garcia Lorca, em tradução de Laís e sob a direção de João Ceschiatti.

1961

- Participa, em Assis, estado de São Paulo, do II Congresso Brasileiro de Crítica e História Literária.
- Recebe diploma de honra ao mérito pela colaboração filantrópica prestada à Associação Mineira das Obras de Amparo à Maternidade e à Infância (AMOAMI).

1963

- Participa, como única representante feminina, da Semana Nacional de Poesia de Vanguarda e respectiva exposição de poemas-cartazes, promovidas em Belo Horizonte pela Universidade Federal de Minas Gerais.
- Traduz ensaios de línguas inglesa, francesa, espanhola e italiana para o Suplemento Dominical do *Estado de Minas*, inclusive, pela primeira vez no Brasil, texto de Roland Barthes sobre o estruturalismo.
- O Grande Teatro Lourdes da TV Itacolomi apresenta a peça *O Malentendido*, de Albert Camus, em tradução de Laís e adaptação de Otávio Cardoso.

1965

- Recebe o “Prêmio de Poesia Cidade de Belo Horizonte” pelo livro inédito *Cantochão*.

1966

- É designada membro-fundador da comissão de redação do *Suplemento Literário do Minas Gerais*, ao lado de Murilo Rubião e Ayres da Mata Machado Filho, função que ocupará até 1970.
- Nesse período, traduz e publica no mesmo *Suplemento* textos de ficção, ensaio e poesia de Ezra Pound e outros autores de línguas inglesa, francesa, italiana e espanhola, especialmente o primeiro texto de ficção de Júlio Cortázar traduzido para o português.

1967

- Com Affonso, acompanha o romancista francês Michel Butor em visita a cidades históricas mineiras.
- É homenageada pelos formandos do Curso de Auxiliar de Biblioteca, promovido pelo Instituto de Administração Pública de Minas Gerais, no qual lecionou Literatura Brasileira.
- Lança o livro de poemas *Cantochão* pela coleção “Imprensa Publicações”.
- É designada membro da Comissão de Apreciação do Mérito das Publicações da Imprensa Oficial do Estado.
- Nesse ano e seguintes, organiza para o *Suplemento Literário do Minas Gerais* os números especiais “Marília”: 200 anos” “Eduardo Frieiro: 40 anos de literatura”, “Affonso Arinos Centenário”, “Literatura e Artes: Os Novos” e “1819-1969: Bárbara Heliodora”.

1968

- Como palestrante, participa da II Semana Goiana de Poesia Moderna, em Goiânia, e do Festival de Poesia de Pirapora (MG).
- Visita, com Affonso, a cidade histórica de Goiás Velho e também o sítio seiscentista de Barra do Guaicuí, norte de Minas, onde teria morrido o bandeirante Fernão Dias.
- Acompanha, com Affonso, o lingüista Roman Jakobson em excursão pelo circuito histórico mineiro e o entrevista para o *Suplemento Literário do Minas Gerais*.

1969

- Recebe em casa as visitas da poeta e pesquisadora portuguesa Ana Hatherly e do lingüista Tzvetan Todorov.
- Abre, com palestra, o Curso de Atualização promovido pela Secretaria do Estado do Trabalho e Cultura Popular.

1970

- Passa a exercer a função de assessora técnico-cultural da Biblioteca Pública Estadual “Luís de Bessa”.
- Abre, com palestra, o Curso de Informação Cultural da Faculdade de Filosofia de Divinópolis.

1971

- Dentro da programação da Semana do Livro da Secretaria de Educação e Cultura de Juiz de Fora, pronuncia a palestra “Poesia de vanguarda no Brasil”.

1972

- É professora do Curso sobre o Modernismo promovido em Ouro Preto pelo 6º Festival de Inverno da Universidade Federal de Minas Gerais, comemorativo do Cinquentenário da Semana de Arte Moderna.
- A Editora Vozes lança em noite de autógrafos em Ouro Preto, no Festival de Inverno da UFMG, o ensaio de Laís intitulado *Murilo Mendes*, pela “Coleção Poetas Modernos do Brasil”, estudo pioneiro da obra do grande poeta brasileiro residente na Itália.
- Recebe em casa, em concorrida reunião com intelectuais mineiros, a visita do poeta Murilo Mendes, há muitos anos ausente do Brasil.
- Participa da comissão julgadora do concurso “Teen Ager do Brasil”.

1973

- Em solenidade realizada no consulado alemão no Rio de Janeiro, recebe da República Federativa da Alemanha o “Prêmio Thomas Mann de Viagem” àquele país, com o ensaio inédito “Vanguarda Alemã e Vanguarda Brasileira”.
- Viagem aos Estados Unidos. Junto com Lygia Fagundes Telles, representa o Brasil no Seminário Internacional Feminino de Literatura, promovido pela Universidade de Bloomington, Indiana. Temporada de fins culturais em Nova York, quando visita, em seu “atelier”, o artista brasileiro Hélio Oiticica.
- Abre, com aulas sobre *Macunaíma*, de Mário de Andrade, e *Morte e Vida Severina*, de João Cabral de Melo Neto, no auditório do Colégio Isabela Hendrix, o curso pré-vestibular de literatura promovido pela Biblioteca Pública do Estado.

- Em visita a Minas, o escritor argentino Júlio Cortázar destaca, em entrevista à imprensa, a qualidade das primeiras traduções de sua obra para o português, feitas por Laís.

1974

- É designada membro do Conselho Estadual de Cultura, função a que logo resignará por incompatibilidade com a orientação do mesmo.
- Participa do I Encontro Nacional de Professores de Literatura, promovido no Rio de Janeiro pela Pontifícia Universidade Católica (PUC/RJ).
- Realiza, com Affonso, prolongada viagem, percorrendo o circuito das cidades históricas do Nordeste, até o porto de Cabedelo, na Paraíba. Visita aos parentes paternos em Recife e interior de Pernambuco. Temporada de descanso e lazer cultural na cidade de Salvador, Bahia. Memorável encontro com a Mãe Menininha do Gantois.
- A Editora Abril lança em São Paulo, com tiragem de cem mil exemplares, o livro *O Grande Blá-blá-blá*, “Prêmio Nacional de Literatura”, que lhe fora entregue em solenidade realizada no Rio de Janeiro em 1973.
- Recebe o diploma de membro efetivo da Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de Belo Horizonte, pela colaboração filantrópica prestada à instituição.
- Pronuncia palestra sobre arte e poesia concretas no Museu de Arte da Pampulha.
- É eleita, em promoção do jornal *Estado de Minas*, uma das oito personalidades mineiras do ano de 1973.

1975

- A 28 de abril, aposenta-se, após 30 anos de serviço público.
- Retoma os estudos superiores e é aprovada em primeiro lugar no vestibular da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC/MG), na área de Filosofia e Teologia.
- A *Revista Colóquio-Letras*, da Fundação Calouste Gulbenkian, publica em Lisboa ensaio de Laís sobre a poesia de Murilo Mendes e Carlos Drummond de Andrade, ressaltado como “notável” pela crítica do *Diário de Notícias* da capital portuguesa.
- Participa, em Goiânia, da comissão julgadora do I Concurso Nacional de Poesia promovido pela Caixa Econômica de Goiás.

1976

- É professora de Noções de Literatura Brasileira do Curso de Formação de Bibliotecárias Comunitárias do Centro de Recursos Humanos de Secretaria de Estado da Educação de Minas Gerais.
- Ministra cursos de extensão sobre literatura em Goiânia, Belo Horizonte, Juiz de Fora, Uberaba e outras cidades.
- Traduz o ensaio do norte-americano Jon M. Tolman, *Augusto Frederico Schmidt*, lançado pelas Edições Quíron, de São Paulo.

1978

- Recebe o grau de Licenciada em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC/MG).

1979

- Ganha o primeiro neto, André. Virão a seguir os netos Eduardo, Miguel, Gustavo, Nathalia, Isabel, Pedro e Victoria.

1981

- Recebe o “Prêmio de Poesia Emílio Moura”, da Coordenação de Cultura de Minas Gerais, pelo livro inédito *Palavras, Atos e Omissões*, mais tarde reunido a *Decurso de Prazo*.
- É convidada e eleita para integrar a diretoria da Aliança Francesa (Associação Brasileira de Cultura Francesa).
- Publica o trabalho de orientação cultural “De Mãos Dadas. Ação Comunitária e Cultural”, em edição da Coordenadoria de Cultura do Estado de Minas Gerais.

1982

- Participa, em São Paulo, da I Bienal Nestlé de Literatura.
- A University of Colorado, Boulder, USA, lança a plaqueta de poemas *Palavras, Atos e Omissões* e, pouco depois, a coletânea *Poetry*, de Laís, em tradução para o inglês de Marla Bowers.
- Palestra sobre poesia na cidade de Uberaba, em seminário promovido pela Faculdade de Letras local.
- Pronuncia no Palácio das Artes a conferência “Maturidade do Poeta Maior”, em seminário comemorativo dos 80 anos de Carlos Drummond de Andrade.
- Participa do Seminário Ficção Mineira II: de Guimarães Rosa aos Nossos Dias, promovido pelo Conselho Estadual de Cultura.

1983

- É nomeada pelo governador Tancredo Neves para o cargo de Superintendente das Bibliotecas Públicas do Estado. Com a orientação do arquiteto Niemeyer, autor do projeto do edifício, procede à restauração e reestruturação da Biblioteca Luís de Bessa. Permanecerá no cargo até inícios de 1988.
- Participa, como convidada especial, do I Congresso Mineiro de Educação.
- A Editora Brasil-América, do Rio de Janeiro, lança o livro de poemas para crianças *Maria e Companhia*, contemplado com o Prêmio de Literatura Infantil Cidade de Belo Horizonte.
- Cria e dirige, na Biblioteca Pública de Minas Gerais, a revista *Duas Palavras*, sob editoria do poeta e jornalista Carlos Ávila, e a coleção de ensaios *Cadernos de Minas*.

1984

- Participa do Encontro Nacional de Política Cultural, promovido pelo Fórum Nacional de Secretários da Cultura.
- Participa, como debatedora, do Seminário Sociedade, Cultura e Tecnologia, promovido pela Fundação João Pinheiro.
- Participa do Seminário sobre as relações entre Educação e os Diferentes Contextos Culturais, promovido pela Secretaria de Estado da Cultura de Minas Gerais.

1985

- É designada membro da Comissão de Alto Nível do Ministério da Cultura, na área de Literatura, Livro e Biblioteca.

- É convidada pelo então Ministro da Cultura, professor Aluísio Pimenta, para o cargo de Diretora da Biblioteca Nacional, convite do qual declina para não ausentar-se de Minas Gerais.
- Participa, em Brasília, do I Seminário do Ministério da Cultura.
- Participa, em São Paulo, do Congresso Brasileiro de Escritores, integrando a Comissão de Estudos de Direitos Autorais e apresentando a comunicação “Política Cultural e Discurso do Estado”.
- É convidada especial e palestrante do 1º Encontro de Bibliotecas Públicas Municipais.

1986

- Participa, como conferencista, do I Encontro Mineiro de Biblioteconomia, promovido pela Associação dos Bibliotecários de Minas Gerais.
- Participa do IV Seminário Regional de Reformulação de Pesquisa de Informações Culturais, promovido, em Belo Horizonte, pelo Ministério da Cultura e Fundação João Pinheiro.

1987

- Viagem e temporada na Europa, em visita ao neto Miguel, à filha Myriam e ao genro Rodrigo, então residindo e os dois realizando doutoramento na Alemanha Ocidental.
- Visita a exposição Documenta, em Kassel.
- Comparece à Internacionalen Fachkonferenz “Visuelle Poesie im Historischen Wandel”, promovida na cidade de Wolfenbutten pelas Universidades de Londres e Wuppertal.

- Viagem cultural pelo interior das Alemanhas Ocidental e Oriental. Conhece o “Muro de Berlim”, ainda então não demolido.
- A Editora RHJ lança os livros de literatura infantil *Que Quintal!* e *O Relógio Mandão*, que têm sucessivas reedições.

1988

- É lançado, em noite de autógrafos no tradicional Hotel Toffalo, o livro de poemas *Decurso de Prazo*, edição da Gráfica de Ouro Preto do poeta-tipógrafo Guilherme Mansur.

1989

- Participa, como coordenadora de mesa, do Seminário do Bicentenário da Inconfidência Mineira, promovido em Ouro Preto pela Fundação João Pinheiro.

1990

- Participa de recepção de intelectuais mineiros ao poeta Octavio Paz, em visita ao estado.

1991/2

- A Gráfica Ouro Preto publica o *Caderno de Traduções* de Laís, com textos traduzidos de poesia e ficção de André Breton, Paul Éluard, T. S. Eliot, Robert Frost, Javier Villafañe e outros autores.

1993

- Pronuncia conferência no evento comemorativo dos 30 anos da Semana Nacional de Poesia de Vanguarda, promovido pela Secretaria Municipal de Cultura de Belo Horizonte, sob coordenação de Eleonora Santa Rosa. Tem poemas seus

expostos na mostra de cartazes-poesia, no Centro Cultural da UFMG, e oralizados no espetáculo *Ouwer*, no Teatro Alterosa, promoções paralelas ao evento.

1994

- O cantor e compositor Cláudio Brant apresenta, no projeto “Praça Sete, Seis e Meia”, canções baseadas em poemas de Laís e Carlos Drummond de Andrade.

1995

- É publicado, fora do comércio, o livro de poemas *Pé de Página*, das Edições Nonada, impresso em Ouro Preto pelo poeta-tipógrafo Guilherme Mansur.

1996

- Lançamento, no Centro de Referência do Professor, na Praça da Liberdade (antiga Secretaria da Educação), do livro de ensaio e antologia *Sedução do Horizonte*, edição artística da Fundação João Pinheiro na Coleção Centenário do seu Centro de Estudos Históricos, dirigido por Eleonora Santa Rosa.
- O Palácio das Artes apresenta, na Sala Juvenal Dias, o espetáculo *Laís e Affonso*, com a direção do ator Adyr Assumpção, roteiro de Carlos Ávila e participação dos atores e músicos Márcia Bechara, Inês Carvalho e Paulo Faria.

1997

- Depoimento para os alunos da Faculdade de Letras da Universidade de Minas Gerais, como convidada do Projeto *Encontro com Escritores Mineiros*.

- No transcurso do centenário de Belo Horizonte, concede várias entrevistas para a mídia televisiva e impressa, ressaltando-se a realizada, em rede nacional, por Pedro Bial para a Globonews.

1998

- É convidada para professora visitante da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais.

2000

- Recebe, em solenidade no auditório da Reitoria, a homenagem da Universidade Federal de Minas Gerais como sua “Ex-Aluna em Destaque” na área de Letras.
- Participa em Juiz de Fora, ao lado de Maria da Saudade Cortesão Mendes e outras personalidades, da institucionalização do Centro de Estudos Murilo Mendes, pela Universidade Federal daquela cidade, de cujo Conselho Diretor é eleita membro.
- É lançado, na Kalil & Lauer Galeria de Arte, seu novo livro de poemas *Clips*, com desenhos da artista plástica Niúra Bellavinha.
- A Editora Dubolsinho, dirigida por Sebastião Nunes, lança o novo livro de literatura infantil de Laís, *A loja do Zéconzé*, com projeto gráfico e ilustrações do poeta.
- A Editora Perspectiva, de São Paulo, publica, em sua Coleção Signos 29, dirigida por Haroldo de Campos, nova edição revista, ampliada e acrescentada de rico material iconográfico do livro pioneiro de Laís, *Murilo Mendes*, com reprodução fac-similar da importante correspondência entre o poeta e a autora.

- É homenageada, em sessão especial do Sindicato dos Jornalistas Profissionais de Minas Gerais, pelo Conselho Municipal dos Direitos da Mulher.

2001

- Participa, nos dias 13 e 14 de maio, na cidade de Juiz de Fora, ao lado, dentre outras personalidades, da viúva Maria da Saudade Cortesão Mendes e da escritora italiana Luciana Stegagno Picchio, das solenidades comemorativas do Centenário de Murilo Mendes, promovidas pela Universidade Federal da terra do poeta.
- Lança, no Centro de Estudos Murilo Mendes, em Juiz de Fora, a nova edição de seu livro *Murilo Mendes – Ensaio crítico/antologia/correspondência*, publicado na Coleção Signos da Editora Perspectiva.
- No auditório da Universidade Federal de Minas Gerais, recebe o título de Escritora Homenageada do IX Seminário Nacional Mulher e Literatura.
- Pronuncia palestra sobre a obra de Murilo Mendes em seminário comemorativo do Centenário do Poeta, promovido pelo Centro Cultural Banco do Brasil.

BIBLIOGRAFIA DE LAÍS CORRÊA DE ARAÚJO

POESIA

ARAÚJO, Laís Corrêa de. *Caderno de poesia*. Belo Horizonte: Santelmo Poesia, 1951.

_____. *O signo e outros poemas*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1955.

_____. *Cantochão*. Belo Horizonte: Imprensa Publicações, 1967.

_____. *Decurso de prazo*. Ouro Preto: Gráfica de Ouro Preto, 1988.

_____. *Pé de página*. Ouro Preto: Edições Nonada, 1995.

_____. *Clips*. Belo Horizonte, 2000. Com desenhos de Niúra Bellavinha.

ENSAIO

ARAÚJO, Laís Corrêa de. *Murilo Mendes*. Poetas Modernos do Brasil, 2. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1972. .

_____. *Vanguarda alemã e vanguarda brasileira*. Prêmio Thomas Mann da Embaixada da Alemanha – 1973 (inédito)

_____. *Sedução do horizonte*. Ensaio introdutório, pesquisa e organização. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro/Centro de Estudos Históricos e Culturais, 1996. Coleção Centenário. Coordenação Editorial de Eleonora Santa Rosa. Inclui, da autora, o ensaio “O Nome é a Marca” e o poema “Via lírica de Belo Horizonte”.

_____. *Murilo Mendes – ensaio crítico/antologia/correspondência*. São Paulo: Perspectiva, 2000. (Coleção Signos, 29)

LITERATURA INFANTO-JUVENIL

ARAÚJO, Laís Corrêa de. *O grande blá-blá-blá*. História da Comunicação. Prefácio de Rachel de Queiroz. São Paulo: Abril Cultural/Mobral, 1974.

_____. *Maria e companhia*. Rio de Janeiro: Editora Brasil-América, 1983.

_____. *Que quintal!*. Belo Horizonte: Editora RHJ, 1987. Novas edições posteriores.

_____. *O relógio mandão*. Belo Horizonte: Editora RHJ, 1989. Capa e ilustrações de Sérgio Luz. Novas edições posteriores.

_____. *A loja do Zeconzé*. Belo Horizonte: Edições Dubolsinho, 2000.

PARTICIPAÇÃO EM OBRAS COLETIVAS NO BRASIL

SILVA, Domingos Carvalho da. *Vozes femininas da poesia brasileira*. São Paulo: Conselho Estadual de Cultura, 1959. – Inclui o poema “País do sono profundo”, do livro *O Signo e Outros Poemas*.

CAMPOS, Milton de Godoy. *Antologia poética da geração de 45*. São Paulo: Clube de Poesia, 1966. – Inclui o poema “Cantiga do espelho esquecido”, do livro *O Signo de Outros Poemas*.

ÁVILA, Affonso (Org.). *O Modernismo*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1975, Coleção Stylus, 1. – Inclui o ensaio “A Poesia Modernista de Minas”, texto-roteiro de aula no Curso Comemorativo dos 50 anos da Semana de Arte Moderna, promovido pela Universidade Federal de Minas Gerais no 6º Festival de Inverno de Ouro Preto, 1972.

HORTAS, Maria de Lourdes. *Palavra de mulher (Poesia feminina brasileira contemporânea)*. Rio de Janeiro: Editora Fontana, 1979. – Inclui dois poemas especiais para o volume: “Legenda para o meu ícone” e “Corpo de delito.”

OLIVEIRA, Alaíde Lisboa de; CARVALHO, Abigail de Oliveira. *Meu coração*. Livro 1. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1984. – Inclui fragmento do poema “Empregada Maria”, do livro *Maria e Companhia*.

SAVARY, Olga. *Carne viva*. 1ª. Antologia Brasileira de Poemas Eróticos. Rio de Janeiro: Editora Ânima, 1984. – Inclui dois poemas especiais para o volume: “Resposta” e “Expressão corporal”, além do poema “Serve”, do livro *Decurso de Prazo*.

SILVA, Newton; D’AGUIAR, Antônio Augusto (Org.). *Belo Horizonte. A cidade revelada*. Belo Horizonte: Fundação Emílio Odebrecht, 1989. – Inclui o texto especial “O Verbo Mágico”.

BARBOSA, Francisco de Assis (Org.). *Poesia em 1930*. Rio de Janeiro: Revista do Brasil, ano 5, nº 11/90, Rio Arte/Fundação Rio, 1990, p. 73 a 78. – Inclui o ensaio especial “O Modernismo Desarticulado de Murilo Mendes”.

SANTOS, Ângelo Oswaldo de A., SOUZA, Eneida M. e MIRANDA, Wander Melo (Org.). *Minas de Liberdade*. Organização de Ângelo Oswaldo de Araújo Santos, Eneida Maria de Souza e Wander Melo Miranda. Belo Horizonte: Assembléia Legislativa do Estado/Secretaria de Estado da Cultura., 1992. – Inclui o texto especial “Variações em torno das palavras cidadania, liberdade e poesia”.

ARAÚJO, Laís Corrêa de. *Sedução do horizonte*. Ensaio introdutório, pesquisa e organização. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro/Centro de Estudos Históricos e Culturais, 1996. Coleção Centenário. Coordenação Editorial de Eleonora Santa Rosa. Inclui, da autora, o ensaio “O Nome é a Marca” e o poema “Via lírica de Belo Horizonte”.

SANTA ROSA, Eleonora (Coord). *30 anos – Semana Nacional de Poesia de Vanguarda – 1963/93*. Belo Horizonte: Secretaria Municipal de Cultura, 1993. – Inclui a conferência especial “Caminhos e descaminhos da Semana Nacional de Vanguarda: Lembrança pessoal”.

RIBEIRO, Gilvan P. e NEVES, José Alberto P. (Org.). *Murilo Mendes, O visionário*. Juiz de Fora: EDUFJF, Série Idéias, 1997, p. 11 a 13. – Inclui o texto especial “Abertura para o debate”.

MATA MACHADO, Marília N. e FREIRE, Doia. *Belo Horizonte Guia Turístico-Cultural*. Belo Horizonte: Editora C/Arte, 1998, p. 78. – Inclui fragmento do poema “Via lírica de Belo Horizonte”.

PUBLICAÇÕES NO EXTERIOR

AUTORIA, TRADUÇÕES E ANTOLOGIAS

SILVA, Alberto da Costa e. *A nova poesia brasileira*. Lisboa: Escritório de Propaganda e Expansão Comercial do Brasil, 1960. – Inclui os poemas “Balada do pranto” e “Canção da Participante”, do livro *O Signo e Outros Poemas*.

Parva. Revista. Cidade do México, nº 2, 1965. *Nueva poesía de Brasil*. – Inclui os poemas “Fábula do burguês”, “Inventário” e “Layout da burguesia”, do livro *Cantochão*, em tradução para o espanhol de Abigail Bohorquez e Carlos Nieto.

TELES, Gilberto Mendonça. *La poesía brasileña en la actualidad*. Montevideu: Editorial Letras, 1969, p. 46, 95, 112 e 119. – Inclui, no original, o poema “Retrato de homem”, do livro *Cantochão*.

Ruben A. In Memoriam. Vol. I. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1981, p. 106 a 108. – Inclui o texto “Uma torre portuguesa com certeza”.

ARAUJO, Laís Corrêa de. *Palavras, atos e omissões*. Boulder: University of Colorado, USA, Department of Spanish and Portuguese, 1982. – Inclui os poemas “Palavra”, “Vocabulário”, “Sujeito”, “Ária Baudelaireana”, “De A” e “Itinerário”, em plaqueta com ilustração de José Luís Mariscal (Paris, 1982).

ARAUJO, Laís Corrêa de. *Poetry*. Translated by Larla Bowers. Boulder: University of Colorado, USA, Department of Spanish and Portuguese, s/d. – Plaqueta com os poemas “The trader”, “Current” e “Oxen”.

ARAUJO, Laís Corrêa de. *Som universal*. Poema-postal. Porto (Portugal). Coleção Gémeos 6. Linóleo de Marco.

Modernismo e vanguarda. Cadernos da Colóquio/Letras, 2. Coordenação de Luís Amaro. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1984, p. 161 a 173. – Inclui o ensaio “Dimensão mineira da poesia modernista”.

TRABALHOS DE TRADUÇÃO

Tradução dos textos de dramaturgia: COCTEAU, Jean. *A Voz Humana*; LORCA, Federico Garcia. *Mariana Pineda*; CAMUS, Albert. *O Malentendido*, além de peças de Arrabal. De 1955 a 1966.

Tradução de ensaios e outros textos de autores de línguas inglesa, francesa, italiana e espanhola para o Suplemento Dominical do *Estado de Minas*, destacando-se o primeiro estudo de Roland Barthes publicado no Brasil sobre o estruturalismo. De 1963 a 1964.

Tradução de textos de ficção, ensaio e poesia de Júlio Cortázar, Ezra Pound, T. S. Eliot e outros autores de línguas espanhola, inglesa, francesa e italiana para o Suplemento Literário do *Minas Gerais*. De 1966 a 1970.

Tradução de TOLMAN, Jon. *Augusto Frederico Schmidt*. São Paulo: Edições Quíron/INL, 1976.

Tradução de THOMPSON, Thomas. *Sangue e Dinheiro*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora, 1978.

ARAÚJO, Laís Corrêa de. *Caderno de Traduções*. Ouro Preto: Gráfica Ouro Preto, primavera/verão de 1991/1992. – Textos traduzidos do francês, inglês e espanhol, em poesia e ficção, de André Breton, Philippe Soupault, Robert Desnos, Paul Éluard, T. S. Eliot, Robert Frost, Thomas Kabdebo, Enrique Anderson Imbert, Javier Villafañe, Juan Calzadilla, Pierre Rottenberg, Michel Robic e Raymond Federman.

JORNALISMO LITERÁRIO: CRÔNICA, COLUNISMO CRÍTICO, DIREÇÃO E COORDENAÇÃO DE PUBLICAÇÕES E COLABORAÇÕES AVULSAS

“Conversas na Mesa”. Crônica semanal. 1ª fase: Suplemento Literário do *Diário de Minas*, Belo Horizonte, 12 de outubro de 1952 a 7 de junho de 1953; 2ª fase: *Estado de Minas*, 2ª secção, Belo Horizonte, 14 de junho de 1953 a 17 de janeiro de 1954; 3ª fase: Suplemento Literário do *Diário de Minas*, Belo Horizonte, 28 de novembro de 1954 a 3 de fevereiro de 1957; 4ª fase: *Estado de Minas*, 2ª secção, Belo Horizonte, 28 de abril de 1957 a 27 de outubro de 1959.

“Crônicas”. Revista *O Cruzeiro*, Rio de Janeiro, última página. Crônica mensal, com intervalos. 22 de novembro de 1952 a 26 de janeiro de 1957.

“Roda Gigante”. Coluna semanal de crítica e notas literárias. 1ª fase: *Estado de Minas*, Suplemento, 1º de novembro de 1959 a 3 de dezembro de 1961 e 21 de janeiro de 1962 a 8 março de 1964; 2ª fase: Suplemento Literário do *Minas Gerais*, Belo Horizonte, 29 de abril de 1967 a 3 de maio de 1969; 3ª fase: *Estado de Minas*, feminino, 3 de maio de 1981 a 12 de janeiro de 1986.

“Crônicas”. Crônica semanal. Suplemento Feminino de *O Estado de S. Paulo*, 22 de janeiro de 1960 a 1º de abril de 1960. Crônicas eventuais em outros periódicos.

Suplemento Literário do *Minas Gerais*. Primeira Comissão de Redação, membro-fundador com Ayres da Matta Machado Filho e Murilo Rubião. Belo Horizonte, 3 de setembro de 1966 a 27 de dezembro de 1969.

Marília: 200 Anos. Suplemento Literário do *Minas Gerais*. Edição especial. Belo Horizonte, de outubro de 1967. Organização e edição.

Eduardo Frieiro: 40 anos. Suplemento Literário do *Minas Gerais*. Edição especial. Belo Horizonte, 16 de dezembro de 1967. Organização e edição.

Afonso Arinos Centenário. Suplemento Literário do *Minas Gerais*. Edição especial. Belo Horizonte, 27 de abril e 4 de maio de 1968. Organização e edição.

Literatura e Artes: Os Novos. Suplemento Literário do *Minas Gerais*. Edição especial. Belo Horizonte, 27 de junho a 3 de julho de 1968. Organização e edição.

1819-1969: Bárbara Heliadora. Suplemento Literário do *Minas Gerais*. Edição especial. Belo Horizonte, 24 e 31 de maio e 7 de junho de 1969. Co-organização e co-edição.

Matérias regulares ou eventuais. Publicadas no período de 1967 a 1998 nos periódicos: Suplemento Literário de *O Estado de S. Paulo*; Suplemento Livro do *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro; Suplemento Literário do *Minas Gerais*; Revista *Colóquio-Letras* da Fundação Gulbenkian, Lisboa, Portugal; Suplemento Literário de Minas Gerais (nova fase) e outros periódicos nacionais ou estrangeiros.

ARAÚJO, Laís Corrêa de. *De Mãos Dadas. Ação Comunitária e Cultural*. Belo Horizonte, Coordenadoria de Cultura do Estado, s/d.

Duas Palavras. Revista da Biblioteca Pública de Minas Gerais “Luiz de Bessa”. Belo Horizonte, nº 0, outubro de 1983; nº 1, dezembro de 1984; nº 2, dezembro de 1985. Concepção e direção geral.

Coleção Cadernos de Minas. Biblioteca Pública de Minas Gerais “Luiz de Bessa”. Nº 1: IGLÉSIAS, Francisco. *Três Séculos de Minas*, 1985; nº 2: DIAS, Fernando Correia. *Mineiridade*, 1986. Concepção e direção geral.

MÚSICA E VÍDEO

BRANT, Cláudio. “Pós-Modinha”, composição musical baseada no poema do mesmo nome, do livro *Pé de Página*. Belo Horizonte, projeto Praça Sete Seis e Meia, 1994.

TAVARES, Mariana e BARRETO, Marcos. Vídeo “Vocabulário”, baseado em poema do mesmo título, do livro *Decurso de Prazo*. Oralização de Laís. Prêmio do Festival de Cinema e Vídeo de Curitiba, Paraná, 1997.

Laís e Affonso Recital Poético Musical. Roteiro de Carlos Ávila, direção de Adyr D’Assumpção, criação musical de Paulo Faria e Inês Carvalho. Atores e músicos Adyr D’Assumpção, Márcia Bechara, Paulo Faria e Inês Carvalho. Produção de Rita Cupertino. Apresentação de doze poemas de Laís. Belo Horizonte, Palácio das Artes, 29 a 31 de maio de 1997.

VARGAS, João. *Belo Horizonte – Visita à Cidade Centenária*. Vídeo. São Paulo, Banco Real, e Belo Horizonte, Serraria Souza Pinto, 1997. Entrevista especial de Laís.

BIBLIOGRAFIA SOBRE LAÍS CORRÊA DE ARAÚJO

FONTES SELECIONADAS, DENTRE CENTENAS DE OUTRAS, DE
CONSULTA SOBRE LAÍS CORRÊA DE ARAÚJO E SUA OBRA

VERBETES E REGISTROS EM OBRAS DE REFERÊNCIA

MILLIET, Sérgio. *Diário crítico*. 8º Vol. 1951-1952. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1955, p. 121/2.

COUTINHO, Afrânio (Org.). *Brasil e brasileiros de hoje*. Rio de Janeiro: Editorial Sul-Americana, 1961, vol. I, p. 350/1.

SANTOS, Ivana Campos Mendes dos. *Laís Corrêa de Araújo. Bibliografia*. Belo Horizonte: Escola de Biblioteconomia da UFMG, 1967. Circulação Interna.

PAES, José Paulo; MOISÉS, Massaud. *Pequeno dicionário de literatura brasileira*. São Paulo: Editora Cultrix, 1967, p. 162.

MENEZES, Raimundo de. *Dicionário literário brasileiro*. São Paulo: Edição Saraiva, 1969, vol. I, p. 118.

PICCHIO, Luciana Stegagno. *La letteratura brasiliana*. Firenze/Milano: Sansoni/Accademia, 1972, p. 596 e 633.

COELHO, Nelly Novaes. *Literatura & linguagem*. São Paulo: Edições Quíron, 1976, p. 257/8. Com transcrição do poema “Mandato”, do livro *Cantochão*.

BRASIL, Assis. *Dicionário prático de literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1979, p. 200.

PICCHIO, Luciana Stegagno. *La littérature brésilienne*. Trad. Linc-François Granier. Paris: Presses Universitaires de France, 1981, p. 115.

COELHO, Nelly Novaes. *Dicionário crítico da literatura infantil/juvenil brasileira*. São Paulo: Edições Quíron, 1983. Referência especial ao livro *Maria e Companhia*.

Larousse cultural. Brasil A/Z. São Paulo: Editora Universo, 1988, p. 53.

Enciclopédia de literatura brasileira. Direção de Afrânio Coutinho e J. Galante de Souza. Rio de Janeiro: MEC/FAE, 1990, vol. I, p. 239.

WERNECK, Humberto. *O desatino da rapaziada*. Jornalistas e escritores de Minas Gerais. São Paulo: Instituto Moreira Salles, Companhia das Letras, 1992, p. 146.

HOLLANDA, Heloísa Buarque de; ARAÚJO, Lúcia Nascimento. *Ensaístas brasileiras*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993, p. 151.

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 3. ed. São Paulo: Cultrix, 1994, p. 447, 485 e 493.

RIBEIRO, Marília Andrés. *Neovanguardas: Belo Horizonte – Anos 60*. Belo Horizonte: Editora C/Arte, 1997, p. 108, 136, 137 e 138.

Artigos e referências críticas diversas sobre a obra da autora em dezenas de jornais e revistas, brasileiras ou estrangeiros, no período 1951-1990. – Arquivo pessoal.

SOBRE A POESIA

CADERNO DE POESIA

ANTÔNIA, Maria. Vocação. *A Gazeta*, São Paulo, 24 nov. 1951.

ÁVILA, Affonso. O Caderno de Laís Corr ea de Araújo. "A Manhã", Suplemento *Letras e Artes*, Rio de Janeiro, 16 dez. 1951, p. 2.

BAIR O, Reynaldo. *Cadernos de poesia*. "A Manhã", Suplemento *Letras e Artes*, Rio de Janeiro, 16 dez. 1951, p. 7.

CANÇADO, Mello. Falemos de amor. *O Diário*, Belo Horizonte, 15 dez. 1951.

DELGADO, Luiz. Idéias, livros e fatos. *Jornal do Comércio*, Recife, 30 dez. 1951.

DUTRA, Waltensir. Uma grande estréia. *Diário de Minas*, Belo Horizonte, 4 nov. 1951. Suplemento.

DUTRA, Waltensir. Crítica literária. Anotações. *Diário de Minas*, Belo Horizonte, 15 jun. 1952. Suplemento.

FREITAS, Telha de. Um livro. *Folha da Manhã*, Recife, 8 dez. 1951.

GOUTHIER, Carminha. Carta a Laís Corr ea de Araújo. Mariana, 12 de dezembro de 1951. *Diário de Minas*, Belo Horizonte, 7 jan. 1952. Suplemento, p. 2 e 6.

LISBOA, Henriqueta. Fala aos leitores Henriqueta Lisboa. Entrevista a Maria Luiza Ramos. *Diário de Minas*, Belo Horizonte, 6 jan. 1952. Suplemento, p. 1.

MIRANDA, Adalmir da Cunha. Caderno de poesia. *Diário da Bahia*, Salvador, 30 dez. 1951.

MILLIET, Sérgio. Uma estreante. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 21 nov. 1951. – Incluído no livro *Diário Crítico*, cit. 1.1.

RAMOS, Jorge. Laís Corrêa de Araújo. "Notícias de Chaves", Portugal, 22 mar. 1952.

TORRES, J. C. de Oliveira. Revista da Semana. 2. Caderno de Poesia. *O Diário*, Belo Horizonte, 27 jan. 1952, p. 4.

O SIGNO E OUTROS POEMAS

ANTÔNIA, Maria. Sobre *O Signo*. *Diário de Minas*, Belo Horizonte, 6 nov. 1955.

AZEVEDO, Christina. *O Signo*. *Diário de São Paulo*, São Paulo, 11 set. 1955.

AZEVEDO, Christina. Momento feminino. Poesia intelectualizada. *Diário de São Paulo*, São Paulo, 25 nov. 1955.

CAMPOS, Paulo Mendes. *Manchete*, Rio de Janeiro, 1º out. 1955.

CACALCANTI, Valdemar. Jornal literário. A poesia de cada um. Rio de Janeiro, 18 de setembro de 1955.

CONDÉ, José (J. C.). Escritores e livros. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 18 set. 1955.

FREITAS, Geraldo de. No mundo dos livros. *O Cruzeiro*, Rio de Janeiro, 22 out. 1955.

LUCAS, Fábio. O livro da Laís. *Diário de Minas*, Belo Horizonte, 28 ago. 1955. Suplemento, p. 1 e 2.

MIRANDA, Adalmir da Cunha. Literatura em quinze dias. *Diário da Bahia*, Salvador, 25 set. 1955.

MIRANDA, Macedo. A poesia vem de Minas.(II). *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, 17 set. 1955.

MOURÃO, Rui. *O signo e outros poemas*. *Diário de Minas*, Belo Horizonte, 2 out. 1955. Suplemento, p. 1 e 2.

PIMENTEL, Cyro. O Signo triste. *Diário de São Paulo*, São Paulo, 16 out. 1955.

RAMOS, Maria Luiza. O signo e outros poemas. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 9 ago. 1955. Suplemento.

SALLES, Fritz Teixeira de. O signo e outros poemas. *Diário de Minas. Suplemento*, Belo Horizonte, 22 dez. 1955.

SALLES, Heráclio. Notas de leitura. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 4 set. 1955.

SILVA, Domingos Carvalho da. O signo e a estrela. *Diário de São Paulo*, São Paulo, 20 nov. 1955.

TEIXEIRA, Maria de Lourdes. Entre o cinzeiro e a lâmpada. *Folha da Manhã*, São Paulo, 30 out. 1955.

TORRES, J. C. de Oliveira. O signo e outros poemas. *O Diário*, Belo Horizonte, 26.

CANTOCHÃO

ANDRADE, Euclides Marques. Gente, livros & fatos. Poesia, pesquisa, novela. *Minas Gerais*, Belo Horizonte, 17 out. 1967, p. 2.

ALENCAR, Cosette de. Canto de página. Cantochão. *Diário Mercantil*, Juiz de Fora, 14 set. 1967, p. 2.

CARVALHO, Geraldo. A poesia em Minas. *Tribuna da Paraíba*, João Pessoa, 29 jan. 1968.

CUNHA, Ubirassu Carneiro da. De Portugal e de poesia. *Minas Gerais*, Belo Horizonte, 30 set. 1967. Suplemento Literário, p. 5.

LEITE, Octavio Dias. Cantochão, poesia. Capa & Contra-Capa. *Minas Gerais*, Belo Horizonte, 10 out. 1967, p. 2.

LOBO, José. Contra as vacas gordas. *Minas Gerais*, Belo Horizonte, 9 dez. 1967. Suplemento Literário, p. 2.

LOBO FILHO, Blanca. Books Abroad. Oklahoma (USA): University of Oklahoma Press, julho 1968.

MACHADO FILHO, Ayres da Matta. Lirismo desabusado. *Minas Gerais*, Belo Horizonte, 7 out. 1967. Suplemento Literário, p. 4.

MARTINS, Wilson. Poiesis. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 6 jul. 1968. Suplemento Literário, p. 4.

OLIVEIRA, Martins de. Um clássico do modernismo. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 6 nov. 1967, 3º caderno, p. 5. – I e II.

PENIDO, José Márcio. A hora e a vez da mulher. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 24 set. 1967. 3ª secção, p. 4.

PEREIRA, Teresinka. Laís Corrêa de Araújo. “Ceniza” – *Revista Cultural del Sur*, Pasto-Nariño, Colômbia, oct.-dec. 1987, p. 16 e 17.

PONTUAL, Roberto. Poesia em Minas. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 7 jul. 1968, 4º caderno, p. 6.

SAMPAIO, Márcio. (MS). Carrosel. *Minas Gerais*, Belo Horizonte, 9 jan. 1968, p. 2.

SANT’ANNA, Affonso Romano de. Cantochão: construção poética. *Minas Gerais*, Belo Horizonte, 7 out. 1967. Suplemento Literário, p. 1.

DECURSO DE PRAZO

ALMEIDA, Márcio. Decurso de prazo. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 4 ago. 1988, 2ª secção, p. 5.

ALMEIDA, Márcio. Palavra de mulher: uma leitura da erotização na Poesia de Minas. *Minas Gerais*, Belo Horizonte, 17 mar. 1989. Suplemento Literário, p. 10 a 12.

ALVES, Henrique L. JL em São Paulo. Decurso de Prazo. *Jornal de Letras*, Rio de Janeiro, out. 1988, p. 11.

ARAÚJO, Henry Corrêa de. Roda gigante. Belo Horizonte, 31 jul. 1998, *Feminino*, p. 2.

DUARTE, José Afrânio Moreira. Decurso de prazo. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 13 ago. 1988. 2ª seção, p. 6. – Repr. In: *Impressões Críticas*. São Paulo: Editora do Escritor, 1991, p. 49 e 50.

LANÇA, Xênia. Laís Corrêa de Araújo. Entrevista. *Minas Gerais*, Belo Horizonte, 9 set. 1988, Cultura e Arte, p. 10.

MOISÉS, Carlos Felipe. Ensaísta busca particularidade de cada poeta. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 1º nov. 1997, Cultura, p. D7.

NABUT, Jorge A. Decurso de prazo. *Jornal da Manhã*, Uberaba, 17 nov. 1988, p. 9.

PADUANI, Célio César. Pode ler que é bom. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, ? mar. 1989, p. ?.

PAES, José Paulo. *Os perigos da poesia e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1997, p. 65 e 66.

SEBASTIÃO, Walter. Gosto pelas palavras. Voz mansa, a poeta Laís Corrêa quer perturbar. *Tribuna de Minas*, Belo Horizonte, 15 jul. 1988, Dois, p. 1.

SOARES, Cássio Martinho. Rara poesia. *Jornal de Casa*, Belo Horizonte, 31 jul.- 6 ago. 1988, p. 3.

VENTURA, Adão. Pode ler que é bom. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 11 fev. 1989. 2ª seção, p. 8.

“Vocabulário” recebe prêmio em Curitiba. Vídeo dos mineiros Mariana Tavares e Marcos Barreto vence em categoria especial. *Hoje em Dia*, Belo Horizonte, 8 maio 1997, Cultura, p. 3.

PÉ DE PÁGINA

BONVICINO, Régis. Eros na trilha das palavras. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 5 nov. 1995, Livros, p. 10.

CUNHA, Alécio. Affonso e Laís – 45 anos de poesia. *Hoje em Dia*, Belo Horizonte, 3 dez. 1995. Cultura, p. 1, 3, 4 e 5.

ESPESCHIT, Rita. Versos que transpiram laíses. *Hoje em Dia*, Belo Horizonte, dez. 1995, Cultura, p. 1, 3, 4 e 5.

OLIVEIRA, Anelito de. Poesia/vida. *Jornal NÃO*, Belo Horizonte, ano 2, nº 3, out. 1995, p. 14.

SALLES, José Bento Teixeira de. Pé de página. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 8 set. 1995. 2ª secção, p. 7.

SOBRE O ENSAIO E A CRÔNICA

MURILO MENDES

ALENCAR, Cosette de. Sol sem luz. *Diário Mercantil*, Juiz de Fora, 13 ago. 1972, p. 2.

ALMEIDA, Lúcia Machado de. Gente, livros e bichos. Belo Horizonte, 3 set. 1972, Caderno Feminino, p. 2.

ARAÚJO, Laís Corrêa de. Murilo Mendes através de suas cartas. *Minas Gerais*, Belo Horizonte, maio de 1996. Suplemento Literário, p. 6 a 16. (Depoimentos da autora e do poeta sobre o processo de elaboração do ensaio *Murilo Mendes*, Coleção Poetas Modernos no Brasil. Ver Bibliografia, 2-1).

ATHAYDE, Tristão de. Alceu Amoroso Lima. Amanheceu poesia. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 14 dez. 1972, 1º caderno, p. 5.

GUIMARÃES, Júlio Castañon. *Murilo Mendes*. São Paulo: Brasiliense, 1986. Encontro Radical 73, p. 100.

MARTINS, Wilson. Recuperação de Murilo Mendes. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 27 set. 1980. Caderno B, p. 11.

MOURA, Murilo Marcondes de. *Murilo Mendes*. A poesia como totalidade. São Paulo: EDUSP, 1995, p. 158, 159, 160 e 190.

NETO, Santana. Murilo Mendes repensado. *Jornal Politika*, Rio de Janeiro, 11-17 set. 1972. Feira do Livro, p. 14.

NUNES, Benedito. Poética de Murilo Mendes: uma leitura das coisas. *Minas Gerais*, Belo Horizonte, 29 jul. 1972. Suplemento Literário, p. 2. – *Revista de Cultura Vozes*, Petrópolis, dez. 1972, p. 828 a 830.

OSWALDO, Ângelo. Murilo Mendes. Começa a sair a obra completa de um dos maiores poetas brasileiros. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 4 mar. 1990. 2ª seção, p. 1.

RODRIGUES, José Mário. Murilo Mendes segundo Laís Corrêa de Araújo. *Jornal do Comércio*, Recife, 6 set. 1972, Caderno III, p. 2.

SANT'ANNA, Affonso Romano de. Murilo Mendes ou o amor à liberdade. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro. 29 jul. 1972. Livro, p. 6.

VILLAÇA, Antônio Carlos. Depoimento. *Minas Gerais*, Belo Horizonte, 7 dez. 1974. Suplemento Literário, p. 5.

SEDUÇÃO DO HORIZONTE

ASSUNÇÃO, Paulinho. Bibliografia do Centenário. Notas de um fim de século. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 6 dez. 1997. Pensar, p. 5.

BARROS, Geraldo Ribeiro de. Melhor falar de versos e literatura. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, 18 fev. 1997, p. ?

BERNADINI, Aurora F. Obra fixa em BH o “espírito do lugar”. *Jornal da Tarde*, São Paulo, 7 fev. 1998. Caderno de Sábado, p. 6.

CARVALHO, Roberto Barros de. BH: retrato da cidade quando jovem. *Minas Gerais*, Belo Horizonte, maio 1997. Suplemento Literário, p. 14 e 15.

CUNHA, Alécio. Poeta lança “Sedução do Horizonte”. Entrevista com Laís Corrêa de Araújo. *Hoje em Dia*, Belo Horizonte, 1º dez. 1996. Cultura, p. 3.

ESPESCHIT, Rita. Tenho 100 anos, logo existo. *Hoje em Dia*, Belo Horizonte, 19 jan. 1997. Cultura, p. 8.

DRUMMOND, Roberto. Fala o prefeito da cidade. *Hoje em Dia*, Belo Horizonte, 30 set. 1997. Cultura, p. 8.

- GREBLER, Arnaldo. A importância das magnólias. *Semanário Pampulha*, Belo Horizonte, 7-13 dez. 1996. Literatura, p. 14.
- KAZAZ, Jihan. BH ganha visão poética nos textos de diversos autores. *O Tempo*, Belo Horizonte, 2 dez. 1996. Magazine-Aqui, p. 3.
- MACIEL, Pedro. Olhares para uma cidade planejada. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 14 dez. 1996. Idéias, p. 2.
- SERELLE, Márcio. O ano de Belo Horizonte em prosa. *Hoje em Dia*, Belo Horizonte, 27 dez. 1997. Cultura, p. 8.
- MARQUES, Elen. Enfrentando barreiras. Livro sobre BH é traduzido para o braile. *Semanário Pampulha*, Belo Horizonte, 30 ago.- 5 set. 1997. Cidade, p. 4.
- MARTINS, Amílcar Vianna. O não-carnaval. Depoimento a Carlos Herculano Lopes. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 16 fev. 1997. “Longe da folia”, Fim de Semana, p. 1.
- OSWALDO, Ângelo. Belo Horizonte. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 15 mar. 1997. Opinião, p. 7.
- SALLES, José Bento Teixeira de. Sedução do Horizonte. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 17 dez. 1996. Espetáculo, p. 2.
- SANTOS, Manoel Hygino dos. Um presente de alta valia. *Hoje em Dia*, Belo Horizonte, 4 abr. 1997. Opinião, p. 2.
- SANTOS, Manoel Hygino dos. Gosto pelas antologias. *Hoje em Dia*, Belo Horizonte, 17 dez. 1996. Opinião, p. 2.
- SEBASTIÃO, Walter. Um roteiro da alma da cidade. Entrevista com Laís Corrêa de Araújo. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 2 dez. 1996. Espetáculo, p. 1.

CRÔNICA E COLUNISMO LITERÁRIO

ABREU, Caio Fernando. Os Novos de toda parte. Depoimento a Sérgio Tross. *Minas Gerais*, Belo Horizonte, 15 ago. 1970. Suplemento Literário, p. 3.

BRITO, Casimiro de. Prática da escrita. *Diário de Notícias*, Lisboa, Portugal, 17 jul. 1975.

CUNHA, Fausto. Você ainda gosta do Buriti? *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 19 mar. 1968. 4º Caderno, p. 6.

FERNANDES FILHO, Felix. Laís e os passarinhos. *Diário de Minas*, Belo Horizonte, 17 fev. 1983.

SALLES, Fritz Teixeira de. Balanço do ano literário. *Diário de Minas*, Belo Horizonte, 19 fev. 1958. Suplemento.

SAMPAIO, Márcio. Os melhores da literatura. *Diário de Minas*, Belo Horizonte, 9 jan. 1967. DM2, p. 4.

VASCONCELOS, Sylvio de. Cronistas. *Diário de Minas*, Belo Horizonte, 14 out. 1956. Suplemento.

SOBRE A LITERATURA INFANTO-JUVENIL

MARIA E COMPANHIA. QUE QUINTAL! RELÓGIO MANDÃO

ALBERGARIA, Lino de. Livros infantis. O menino e o tempo. *Hoje em Dia*, Belo Horizonte, 20 ago. 1989. Cultura, p. 26. – Sobre *O Relógio Mandão*.

ALMEIDA, Márcio. Magia de palavras. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 10 mar. 1983. 2ª secção, p. 5. – Sobre *Maria e Companhia*.

ANDRADE, Euclides Marques. Espontaneidade no livro de Laís. *Minas Gerais*, Belo Horizonte, 14 maio 1983. Suplemento Literário, p. 11 – Sobre *Maria e Companhia*.

OLIVEIRA, Alaíde Lisboa de. *Maria e Companhia. Estado de Minas*, Belo Horizonte, 28 jul. 1983. 2ª secção, p. 5. – Reproduzido in *Impressões de Leitura*. Belo Horizonte: Edições Cautiara, 1996. p. 202 e 203.

REIS, Maria de Lourdes. Tempo de livro. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, 2 jun. 1988. – Sobre *Que Quintal!*

SOBRE O TRABALHO DE TRADUÇÃO

CADERNO DE TRADUÇÕES. OUTRAS TRADUÇÕES

CAMPOS, Haroldo de. *Morfologia do Macunaíma*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1973. Coleção Estudos 19, p. 23 e 40.

CORTÁZAR, Júlio. Nas ruas de Ouro Preto, um gigante chamado Cortázar. Entrevista a Roberto Drummond. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 14 fev. 1973, p.10.

OSWALDO, Ângelo. Traduições exemplares. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 17 mar. 1992, 2ª. Secção, p. 2. – Sobre *Caderno de Traduções*.

TOLMAN, Jon M. *Augusto Frederico Schmidt*. Trad. Laís Corrêa de Araújo. São Paulo: Edições Quíron/INL/MEC, 1976, p. XIII.

DEPOIMENTOS CRÍTICOS DA AUTORA

ALGUNS DEPOIMENTOS PRINCIPAIS

- “Abaixo a sacralização da poesia”. Entrevista. Goiânia, jornal *Cinco de Março*, 14 de outubro de 1968, p. 2.
- “Amanhã é dia de Murilo Mendes no Festival” – Entrevista a respeito do lançamento do livro de ensaio *Murilo Mendes*. Belo Horizonte, *Estado de Minas*, 19 de julho de 1972, 2ª. seção, p. 6.
- “Afinal o que é uma biblioteca?” - Entrevista. Belo Horizonte, *Estado de Minas*, 23 de agosto de 1983, 2ª secção, p. 8.

- ARAÚJO, Laís Corrêa de. Depoimento a Antônio Risério. Salvador, *Jornal da Bahia*, 3 de Dezembro de 1989, Fetiche, p. 2.
- ARAÚJO, Laís Corrêa de. “Caminhos e descaminhos da Semana Nacional de Poesia de Vanguarda: Lembrança Pessoal”. – Ver Bibliografia da autora.
- ARAÚJO, Laís Corrêa de. “Literatura Brasileira, onde estás que não respondes?” Depoimento sobre a I Bienal Nestlé de Literatura de São Paulo. Belo Horizonte, *Estado de Minas*, 10 de agosto de 1982 , Caderno 2, p. 1.
- ARAÚJO, Laís Corrêa de. “Nessa dor de ser gente”. Depoimento. Belo Horizonte, 28 de novembro de 1976, *Caderno Feminino*, p. 10.
- ARAÚJO, Laís Corrêa de. “Notícia de poesia”. “A poesia da atualidade é apenas paráfrase próxima da anterior”. “Segunda notícia de poesia”. “O pensamento continua inalterado”. São Paulo, Suplemento Literário de *O Estado de São Paulo*, 9 de setembro e 28 de outubro de 1973, respectivamente p. 3 e p. 3.
- ARAÚJO, Laís Corrêa de. Pose para o calendário: É dia da mulher. Belo Horizonte, *Estado de Minas*, 8 de março de 1984, 2ª secção, p. 8.
- ARAÚJO, Laís Corrêa de. Um tempo, usos e costumes, e um móvel fora de moda: o confessionário. Belo Horizonte, *Estado de Minas*, 18 de maio de 1983, Caderno 2, p. 1.
- COIMBRA, Ernesto. Uma experiência em Bloomington. Entrevista de Laís sobre viagem aos Estados Unidos. Belo Horizonte, *Estado de Minas*, 24 de abril de 1973. 2ª secção, p. 1.
- CUNHA, Alécio. Affonso e Laís. 45 anos de poesia. Entrevista. Belo Horizonte, *Hoje em dia*, 3 de dezembro de 1995, Cultura, p. 1, 3, 4 e 5.
- EMEDIATO, Luiz Fernando e outros. Surrealismo/50. Gosto do insólito. – Depoimento de Laís sobre Murilo Mendes e o Surrealismo. Rio de Janeiro, *Jornal do Brasil*, 12 de outubro de 1974, Caderno B, p. 4.

- Literatura feminina. Cada vez melhor, mas ainda cercada de preconceitos. – Depoimento de Laís e outras escritoras. Rio de Janeiro, *Jornal do Brasil*, 13 de agosto de 1977, Livro, p.1.
- A Vida e os Prêmios de Laís Corrêa de Araújo. Entrevista sobre a obtenção do Prêmio Thomas Mann de viagem à Alemanha. Belo Horizonte, *Estado de Minas*, 14 de outubro de 1973, Caderno Feminino, p. 5.

LAÍS CORRÊA DE ARAÚJO E A CRÍTICA

SOBRE A POESIA

“...O lirismo de Laís Corrêa de Araújo é pessoalíssimo e houve-se a autora (*Caderno de Poesia*) da maneira mais feliz ao dar-lhe forma poética sem preocupações subalternas, salienta-se como uma das qualidades do livro. Sua coletânea denuncia um autêntico potencial de poesia”.

ADALMIR DA CUNHA MIRANDA
(*Diário da Bahia*)

“Mas prefiro ver neles o nosso veio existencialista em poesia.

A messe não é pequena; e as omissões, involuntárias. Cito (...) Laís Corrêa de Araújo (*O Signo e Outros Poemas, Cantochão...*)”

ALFREDO BOSI
(*História Concisa da Literatura Brasileira*)

“A poesia de Laís Corrêa de Araújo – a exemplo da de Orides Fontela, Alice Ruiz, Josely Vianna Baptista e poucas outras – não descende diretamente da poesia feita por mulheres no Brasil, que certa crítica chama de “poeta feminina”. Sé é possível falar da existência de uma tradição dessa poesia no Brasil, então a poesia de Laís e daquelas outras mulheres representa a ruptura. A facção de Laís – com visíveis influências estéticas de Emily Dickson e Gertrude Stein, nunca assumiu uma posição ideológica sectária no texto poético, nunca abraçou bandeiras feministas. Trata-se de uma facção que tem uma consciência crítica da linguagem, vendo-a como material que pode servir a qualquer procedimento.”

ANELITO DE OLIVEIRA
(Jornal *Não* – Belo Horizonte)

“Laís Corrêa de Araújo tem interessado, nos últimos anos, tanto a sua poesia como o seu ensaio literário, na pesquisa de novas expressões e métodos, podendo conviver com a geração mais nova de escritores brasileiros. *Cantochão*, seu livro de poemas de 1967, não traz mais a linguagem preciosa dos primeiros trabalhos, convivendo agora, mais de perto, com a carga emotiva da palavra.”

ASSIS BRASIL
(*Dicionário Prático de Literatura Brasileira*)

“Laís Corrêa de Araújo asenhoreou-se já (*Cantochão*) da sua própria maneira. Sempre, sem descaída nem concessão, emprega os recursos de linguagem que escolheu. No despojamento sintático e no ritmo incisivo, esgota a eficácia da palavra.”

AYRES DA MATTA MACHADO FILHO
(*Suplemento Literário do Minas Gerais*)

“Insistindo nos arpejos dolorosos do amor re-inventado em sua mais digna tradição, não está Laís (*O Signo*) muito longe do comportamento poético de Cecília Meireles, ou talvez, mais remotamente,

de Rosália de Castro, pois tanto Cecília como Laís, cada uma com a sua personalidade e méritos próprios, coincidem nas afinidades temperamentais, ambas se abeberando na fonte cristalina de Rosália.”

CYRO PIMENTEL
(*Diário de São Paulo*)

“O livro, à medida que avançamos por suas páginas, cresce em expressão, densidade poética e ritmo. A poetisa de *O Signo* surge então como leitura digna de Sórora Violante do Céu, da estranha Alfonsina Storni e da admirável Rosália de Castro.”

DOMINGOS CARVALHO DA SILVA
(*Diário de São Paulo*)

“Em Laís Corrêa de Araújo (*O Signo*), tanto o plano e a fatura do poema como um todo orgânico e ordenado, como também o verso perfeito e original, com sua força aguda de polarização da poesia que se pretende extrair do tema – estão sempre presentes e até conjugados.”

FRITZ TEIXEIRA DE SALLES
(*Diário de Minas*)

“Poemas do dia-a-dia (*Decurso de Prazo*), mostrando a força do ato de criar e de comunicar. Versos soltos, com liberdade formal do texto, mostra todo esse poder de poesia clara. Uma presença marcante e digna do aplauso pelo seu vocabulário preciso e conciso.”

HENRIQUE L. ALVES
(*Jornal de Letras*)

“O seu *Caderno de Poesia* revela um temperamento verdadeiramente lírico, de que muito se pode esperar.”

HENRIQUETA LISBOA
(*Diário de Minas*)

“Sua linguagem é pura (*O Signo*), fluente e tocada de uma eloquência sem vulgaridade, que constitui o segredo de sua força lírica.”

HERÁCLIO SALLES
(*Diário de Notícias* – Rio de Janeiro)

“A poesia de Laís Corrêa de Araújo (*Caderno de Poesia*) é, naturalmente, feminina; uma inspiração que procura concretizar em símbolos delicados e suaves as grandes angústias de sua alma, em contornos límpidos, em que as circunstâncias e as situações comuns da existência adquirem uma transparência toda especial.”

JOÃO CAMILO DE OLIVEIRA TORRES
(*O Diário* – Belo Horizonte)

“Laís Araújo, dotada de impressionante poder verbal, conhece os mais variados recursos de expressão artística, conquistando com eles a impecável retratação de uma vivência extraordinária marcada por uma sensibilidade das mais agudas e um raro poder de síntese.”

JORGE RAMOS
(*Correio do Minho* – Portugal)

“Colocada entre o cotidiano-finito e uma razão-infinita, e buscando inteira responsabilidade nesta aventura, L.C.A. deixa transparecer em *Cantochão* que sua revolta não se resolverá com passes de mágica sobre a estrutura social, porém, suportará a longa espera de humanidade que se procura. Fica assim explicado o seu destino de artista.”

JOSÉ LOBO
(*Suplemento Literário do Minas Gerais*)

“Laís Corrêa de Araújo, dentro de uma técnica renovadora, exhibe, em *Cantochão*, o estágio avançado que atingiu no campo da reformulação formal.”

JOSÉ MÁRCIO PENIDO
(*Estado de Minas*)

“Refiro-me a *Decurso de Prazo*. Valendo-se ironicamente de uma figura jurídica de triste memória, ligada pelo umbigo aos tempos de arbítrio dos quais apenas emergimos, Laís Corrêa de Araújo articula nesse livro o existencial ao social sob o signo de um desassombro que vai encontrar, nos ritmos ágeis e nos espelhamentos maliciosos do verso epigramático, o seu veículo de eleição. Desassombro é a palavra certa.”

JOSÉ PAULO PAES
(*O Perigo da Poesia e outros ensaios*)

“A visão da poetisa (*Caderno de Poesia*) demora-se com voracidade sobre as suas iluminações, para fixá-las em seus versos. E não somente estrofes apanhadas aqui e ali mereceriam ser citadas, mas poemas inteiros.”

LUIZ DELGADO
(*Jornal do Comércio – Recife*)

“Ela sabe que o que verdadeiramente conta é a palavra (...) e a maneja suficientemente bem para nos dar seu recado poético (*O Signo*), tão afirmativo de uma personalidade original, marcante, funda, como haverá poucas no momento.”

MACEDO MIRANDA
(*Tribuna da Imprensa – Rio de Janeiro*)

“Há vinte anos Laís Corrêa de Araújo não lançava livro de poesia (...). *Decurso de Prazo*, em edição de apenas 300 exemplares da Tipografia do Fundo de Ouro Preto, vem remarcar a presença desta que é o primeiro exemplo da poesia feminina de Minas Gerais e um dos raros valores vigentes no contexto do país.”

MÁRCIO ALMEIDA
(*Estado de Minas*)

“Moderna por intuição e idade, Laís Corrêa de Araújo já consegue (*O Signo*) elementos de perpetuidade e se alinha entre as nossas poetisas destinadas à permanência.”

MARIA DE LOURDES TEIXEIRA
(*Folha da Manhã* – São Paulo)

“Chama a atenção em *Pé de página* sua marcante voz feminina, que se dá não como circunstância politicamente correta, mas qualidade explorada pela poeta (...). Esta capacidade de síntese, sem cair em vulgaridade ou facilidade, é um dos traços da poesia de Laís. (...) Laís é dessas vozes, pela modernidade e densidade, que devem ser ouvidas.”

RÉGIS BONVICINO
(*Folha de São Paulo*)

“São poemas (*Pé de Página*) recheados da autora, transpirando laises por todos os lados (...). Essa intimidade radical provocada pelos poemas pode ter alguns efeitos colaterais. Um deles, o de humanizar a figura do poeta, essa coisa às vezes tão geométrica no nosso clichê de leitor, tão verbete de enciclopédia, tão imagem de holograma.”

RITA ESPESCHIT
(*Hoje em Dia* – Belo Horizonte)

“Laís preferiu reduzir as soluções de sintaxe e de ritmos a uma gama relativamente estreita, de modo a trabalhar nelas como quem exercita a vontade de esgotar até o fundo todas as possibilidades de um caminho proposto (...) na sua ânsia construtiva (*Cantochão*), que dá à poesia uma essencialidade viva e ramificada.”

ROBERTO PONTUAL
(*Correio da Manhã* – Rio de Janeiro)

“Passada a efusão natural da integração da artista na sua personalidade, Laís começa (*O Signo*) a sentir-se diante do mundo, e a sua poesia se prepara para ganhar uma amplitude maior, crescendo em densidade e humanidade, com a renovação de seus temas.”

RUI MOURÃO
(*Diário de Minas*)

“Ao contrário de muitos poetas moços, a autora (*Caderno de Poesia*) não procura impor-se pela originalidade. Não lhe agrada o hermetismo nem lhe apetezem as metáforas requintadas. Ela surge estranhamente madura, e sua poesia já se caracteriza por viva depuração, de que não foi expulso sentimento romântico.”

SÉRGIO MILLIET
(*Diário Crítico*)

“Uma doce poesia que é só fala mansa e em cuja trama as palavras se acomodam (*O Signo*) com o que até amortecendo as vogais para não dar eco exagerado aos sentimentos.”

VALDEMAR CAVALCANTI
(*O Jornal – Rio de Janeiro*)

“É toda a tradição de lirismo amoroso da poesia em língua portuguesa que renasce (*Caderno de Poesia*) com uma força e uma pureza novas. (...) colocam desde já a estreante entre as mais promissoras vocações de poeta ultimamente surgidas no Brasil, e lhe conferem sem favor o lugar de único poeta feminino entre os poetas novos de nosso País.”

WALTENSIR DUTRA
(*Diário de Minas*)

SOBRE CRÔNICA

“A Crônica é gênero que se tem imposto ultimamente, recuperando longo tempo perdido. Os principais cronistas do ano (de 1957) foram: Rubem Braga, Carlos Drummond, Eneida, Laís Corrêa de Araújo e Fernando Sabino que reapareceu em *Manchete*.

FRITZ TEIXEIRA DE SALLES
(*Diário de Minas* – 19 de janeiro de 19)

“Cronista de primeira água, que comparece com frequência nas publicações e que se coloca entre o que há de mais expressivo no país nesse terreno.”

RUI MOURÃO
(*Diário de Minas*)

“Outra cronista a citar é Laís, humilde na aparência de suas preocupações pelos meninos, pela vida doméstica, mas de um sabor inconfundível.”

SYLVIO DE VASCONCELOS
(*Diário de Minas*)

SOBRE O ENSAIO E A ATIVIDADE CRÍTICA

“Laís Corrêa soube trazer de volta nessa coleção (*Poetas Modernos do Brasil*), que é a melhor do gênero no país, esse poeta (*Murilo Mendes*) que a crítica universitária está descobrindo e os poetas mais novos deviam reler. Reler para saírem do impasse em que se encontram emparedados.”

AFFONSO ROMANO DE SANT'ANNA
(*Jornal do Brasil*)

“A antologia (*Sedução do Horizonte*) é esplêndida, seduzindo o leitor ao longo de uma viagem no tempo de Belo Horizonte, cidade que se projeta, de forma única, na criação literária, desde o início de sua construção. Laís Corrêa de Araújo procura mostrar como poetas e escritores e estrangeiros, residentes ou visitantes, se deixaram fascinar pela cidade das montanhas, fixando-lhe imagens que tanto retratam a história centenária quanto referem momentos altos de poesia.”

ÂNGELO OSWALDO
(Estado de Minas)

“Laís Corrêa de Araújo nos traz um estudo crítico admirável a respeito de Murilo Mendes.

Quer dizer, a literatura brasileira está viva, apesar de tudo. O importante é trabalhar.”

ANTÔNIO CARLOS VILLAÇA
(Suplemento Literário do Minas Gerais)

“Ao organizar o livro *Sedução do Horizonte* segundo o critério eclético do olhar (O Olhar do Outro; O Olhar Histórico; O Olhar Interior; O Olhar Poético), ela consegue fixar o que Michel Butor chamou de ‘espírito do lugar’, materializando a essência do entorno, do espaço, do ambiente”.

AURORA F. BERNARDINI
(Jornal da Tarde – São Paulo)

“A cargo de Laís Corrêa de Araújo, este livro sobre Murilo Mendes (...) vem suprir uma lacuna de nossa bibliografia, retificar a imagem da poética muriliana tradicionalmente averbada por um certo descaso preguiçoso de nossa crítica, e esclarecer, graças a uma interpretação renovada e corajosa dessa poética, a marca de originalidade que distingue a obra do autor de *As Metamorfoses*”.

BENEDITO NUNES
(Revista Vozes)

“No ensaio creio que temos nomes, embora eu confesse estar um pouco fora – cito alguns de dignidade intelectual indiscutível: Paulo Francis, Laís Corrêa de Araújo, Anatol Rosenfeld e Gerd Bornhein.”

CAIO FERNANDO ABREU
(*Suplemento Literário do Minas Gerais*)

“Laís Corrêa de Araújo, poeta e crítico que está fazendo nesse suplemento (*Minas Gerais*) uma das melhores seções literárias do país.”

FAUSTO CUNHA
(*Correio da Manhã – Rio de Janeiro*)

“O que faço, e o faço gostosamente, é elogiar *Sedução do Horizonte*, primoroso trabalho de Laís Corrêa de Araújo, esplendidamente editado pela Fundação João Pinheiro, que oferece valiosa contribuição para se conhecer o que pensavam personalidades brasileiras, ou não, sobre Belo Horizonte que visitaram, desde 1897, ou nela viveram. A autora nos lega uma obra de arte, e arte se faz com sentimento e beleza.”

MANOEL HYGINO DOS SANTOS
(*Hoje em Dia – Belo Horizonte*)

“Laís Corrêa de Araújo pertence a uma família de escritores e poetas de grande sensibilidade, intelectual dos melhores. Responsável por uma das colunas mais sérias que se publicam no Brasil – Roda Gigante – na qual com apurado senso crítico registra e analisa o que se edita no País.”

OCTÁVIO DIAS LEITE
(*Minas Gerais*)

“Um notável presente de Laís Corrêa de Araújo ao centenário da cidade (*Sedução do Horizonte*). Laís, com o rigor e a seriedade de sempre, pôs em funcionamento quatro módulos, quatro periscópios, pelos

quais o olhar (os olhares) de 50 autores ‘lêem’ a cidade desde a sua fundação até os dias de hoje. (...) A esse propósito a introdução de Laís, ‘O Nome é a Marca’, e também o título geral do livro deixam entrever que, despido do adjetivo ‘belo’, o substantivo horizonte adquire a mesma força imponderável das seduções.”

PAULINHO ASSUNÇÃO
(*Estado de Minas – Suplemento Pensar*)

“*Sedução do Horizonte* é a mostra desse passado recente. (...) é um documento expressivo da história do Brasil. E a história de Belo Horizonte é a síntese de Minas.”

PEDRO MACIEL
(*Jornal do Brasil*)

“Foi assim para mim o encontro com a *Sedução do Horizonte*, uma coletânea de textos e imagens selecionados pela poeta Laís Corrêa de Araújo, uma bonita edição da Fundação João Pinheiro. Ou seja, como se Belo Horizonte, essa coisa que encontrei à minha espera 30 e tantos anos atrás, de repente começasse a adquirir existência anterior à minha chegada no planeta.”

RITA ESPESCHIT
(*Hoje em Dia – Belo Horizonte*)

“A Belo Horizonte que Laís Corrêa de Araújo registrou em seu livro *Sedução do Horizonte* (BH, Fundação João Pinheiro) não existe mais. (...) Para recuperar a silhueta de uma cidade soterrada, Laís fez trabalho de arqueólogo. (...) Em quase 250 páginas, Laís exhibe o rosto sutil de uma cidade hoje invisível.”

ROBERTO BARROS DE CARVALHO
(*Suplemento Literário do Minas Gerais*)

“É Murilo Mendes, quase esquecido depois de longa ausência, que nos chega de Roma com o maior prêmio europeu de poesia a tiracolo. Não para ficar, sem dúvida. Mas encontrando aqui um coro tal de amigos saudosos, de leitores e intérpretes de sua poesia e de sua prosa, como talvez não esperasse. Preparados, aliás, para compreendê-lo, por um guia admirável de sua poética escrito por essa sutil coestaduana Laís Corrêa de Araújo (*Poetas Modernos do Brasil*), que fez, de sua obra, uma apresentação e uma análise em tal profundidade crítica, como até hoje nunca recebera.”

TRISTÃO DE ATHAYDE
(*Jornal do Brasil*)

“Há na obra (*Sedução do Horizonte*) e na sua realização um ideal estético da autora – tradutora, ensaísta, poeta – que talvez possa ser traduzido nas características que ela cobra da poesia, que considera o núcleo de sua produção literária”.

WALTER SEBASTIÃO
(*Estado de Minas*)

“Murilo Mendes, nome que, apesar das aparências e das periódicas comemorações reivindicativas, anda nestes últimos 25 anos claramente marginalizado e a caminho de embalsamar-se nas escrupulosas referências da história literária. O esforço de recuperação começou de fato (...) com o excelente volume de Laís Corrêa de Araújo na coleção *Poetas Modernos do Brasil*.”

WILSON MARTINS
(*Jornal do Brasil*)

SOBRE A LITERATURA INFANTO-JUVENIL

“*Maria e Companhia*, de Laís Corrêa de Araújo, responde às expectativas de grandes e pequenos. (...) A integração no livro de Laís Corrêa de Araújo, de forma, emoção, técnica, arte, poesia é surpreendente. (...) De mãos dadas com a autora somos envolvidos num conjunto de sensibilidade e de belezas.”

ALAÍDE LISBOA DE OLIVEIRA
(Estado de Minas)

“O modo bem simples de contar utilizado pela autora é uma aproximação inteligente da linguagem infantil, que brinca naturalmente com as repetições e as onomatopéias. (...) É esta sabedoria natural dos pequenos que a escritora capta e mostra no seu texto, atestando o respeito (*O Relógio Mandão*) que a criança merece do adulto.”

LINO DE ALBERGARIA
(Hoje em Dia – Belo Horizonte)

“*Maria e Companhia*, por ter qualidade exemplar, é o primeiro que em 83 vem dar às crianças o direito de saborear a emoção das palavras e das idéias. Laís Corrêa de Araújo, com este livro, vem dar continuidade à linha inventiva iniciada com a publicação, no SLMG, do poema ‘As Dez Irmãs’, dos mais representativos trabalhos destinados ao público infantil.”

MÁRCIO ALMEIDA
(Estado de Minas)

“Pois é essa aventura maravilhosa da palavra, decerto a maior conquista do ser humano, já que possibilitou todas as suas conquistas, atingindo o milagre mecânico que é o computador e o outro milagre que são as viagens siderais, – é essa aventura prodigiosa que Laís Corrêa de Araújo nos conta, com muita inteligência, muita simplicidade e muito engenho, neste precioso pequeno grande livro”.

RACHEL DE QUEIROZ
(Prefácio ao *O Grande Blá-Blá-Blá*)

SOBRE O TRABALHO DE TRADUÇÃO

“Não se trata de ‘transcrições’, adverte modestamente a tradutora (*Caderno de Traduções*), aludindo ao monumental desempenho de um Horoldo de Campos, mas não há como desconhecer a criatividade que lhe sustenta o desafio de transportar para a língua portuguesa obras de poetas com Thomas Kabdebo ou T. S. Eliot.”

ÂNGELO OSWALDO
(*Estado de Minas*)

“Além de tudo, as traduções de meus contos (foram feitas pela escritora Laís Corrêa de Araújo) são muito boas. E eu aproveito para aprender português, para ler poetas como Carlos Drummond de Andrade...”

JÚLIO CORTÁZAR
(Entrevista ao *Estado de Minas*)

SOBRE A NOVA EDIÇÃO DO LIVRO *MURILO MENDES*

“A primeira homenagem ao escritor de Juiz de Fora (MG) que morou parte de sua vida na Europa chega às livrarias neste final de semana: *Murilo Mendes*, rigoroso ensaio crítico da poeta mineira Laís Corrêa de Araújo, publicado originalmente em 1972, ganha edição ampliada na coleção Signos, da Editora Perspectiva, de São Paulo, dirigida pelo poeta Haroldo Campos.”

ALÉCIO CUNHA
(*Hoje em Dia*)

“O livro de Laís Corrêa de Araújo, que nesta nova edição (Perspectiva) teve a parte iconográfica e a antologia ampliadas, continua sendo, depois de quase três décadas, o melhor guia para uma primeira leitura de Murilo Mendes.”

EDÉSIO PAULO
(*Jornal da Tarde – SP*)

“Poeta atenta à invenção (seu belo pemário *Clips*, em primorosa edição, ilustrada pela artista Niura Bellavinha, acaba de ser lançado em Belo Horizonte) e dedicadíssima estudiosa da poética Muriliana, Laís, além do aparato de ensaios e da ampla antologia, colige em seu livro uma expressiva iconografia e um importante conjunto de cartas inéditas do poeta de *Tempo Espanhol*.”

HAROLDO DE CAMPOS
(*Coleção Signos 29*)

“Finalmente aparece, em 1972, um ensaio com essa envergadura, de autoria de Laís Corrêa de Araújo, trabalho realizado com verdadeira dedicação, que reconstrói o percurso criativo de Murilo Mendes.”

JOÃO BANDEIRA
editor-assistente da EDUSP
(*Revista Leitura*)

“No ano em que se celebra o centenário de Murilo Mendes (...) a reedição do estudo de Laís Corrêa de Araújo é certamente uma contribuição decisiva para se fazer justiça a um dos maiores poetas brasileiros.”

JOÃO PAULO
(*Estado de Minas*)

“Seu livro mostra que existe uma lógica na evolução poética de Murilo Mendes: o que ele fez nos últimos livros já estava presente, ainda que em projeto, nas suas primeiras obras. (...) No seu livro, a poesia de Murilo Mendes é vista como uma tentativa de depuração constante.”

MÁRIO ALVES COUTINHO
(*Jornal da Tarde* – São Paulo)

“...não se faz crítica sem diálogo ou risco, como nos deixa patente esse pioneiríssimo *Murilo Mendes*, de Laís Corrêa de Araújo, que, para o choque dos medíocres, retira a recepção de poesia do mero jogo de *marketing* e notícia.”

RÉGIS BONVICINO
(*O Estado de São Paulo*)

“Saudado desde o aparecimento como a mais completa interpretação do autor de *Poesia Liberdade*, e merecendo à época duas edições sucessivas, o livro é agora reeditado com o subtítulo “Ensaio Crítico. Antologia. Correspondência.” como parte das comemorações do centenário.”

RÉGIS GONÇALVES
(*O Tempo*)

“Laís Corrêa de Araújo atirou além do alvo, na busca ansiosa de argumentos para reivindicar a modernidade suprema de Murilo Mendes.”

WILSON MARTINS
(*O Globo*)

**BREVE
ANTOLOGIA POÉTICA
(1951-2000)**

1. DE *CLIPS* (2000)

III

uma rosa é uma rosa é uma rosa
citação que despetala a prosa

IX

o espelho existe para intimidar
e à imagem responder adeus

2. DE PÉ DE PÁGINA (1995)

Retrato de 15 anos

Olhos pendurados
e tranças ralas

Sob o quase sorriso Mona Lisa
a melancolia e uma contemplativa
quase ironia

Névoa de sonhos
pedindo permissão para viver

– Toda virgindade é suplicante.

Paráfrase de Santa Teresa

*A primeira morada é acaso
onde se nasce*
A terceira morada é acaso
onde se morre

A segunda morada é entrementes
adobe de escamas, peles bifurcadas
cruciformes nervos
em língua de saliva

Na segunda morada
(aqui e agora)
ninguém é:

– somos.

Nu frontal

Rãõ la nada
mais bonito
e explícito
que nu manuscrito.

3. DE DECURSO DE PRAZO (1988)

Vocabulário

Gosto das palavras
 infecto e nauseabundo
– palavras que silabam
em rude contraponto
a avaria do mundo.

De umas palavras quentes
 – casa, cama, mesa –
 que encampam pretéritos
 e futuros presentes
em sua reta clareza.

Certas partes do corpo
que bem que sonorizam:
– púbis, hímen, vagina –
palavras que balizam
a encoberta mina.

E gosto de orgasmo
palavra atravessada
como um espinho agudo
que rascante lateja
um momento de pasmo.

Também gosto de enfarte
– palavra lancinante
que quando se apresenta
nem se diz – e parte
a vida num instante.

Serva

Todos os dias
lavo tuas meias, Senhor,
e me envergonho.

Pois todas as noites os teus pés
descalços buscam
com dedos incautos

o visgo de outra meia
em que penetrem:
– ameia, Senhor, para o combate.

Os poços com seu lodo
de ira e de tensão:
entre cimento e fronte
– um vão.

As setas que se atiram
às margens de ninguém,
ilesas a si mesmas
retêm.

Compassos de evasão
entre falange e rua
sondando a solitude
nua.

E na armadura de coisa
salobra, um só segredo:
a polpa toda é fruição
de medo.

Descrição

O animal que eu sou
no nojo em que me farto,
vejo-me na parede,
lagarto.

No muro um lagarto?
Nem isso, lagartixa.
Porque nem ao menos sou
fixa.

E nem eu só, você,
tu, os outros, que escrevo.
Três folhas sem futuro,
trevo.

Folhas, ou bicho verde,
não louva-deus, miúdo,
bicho sem nome e fala,
mudo.

A inteligência se atrela
também como um animal:
não me leva, levo a ela,
e mal.

Alojo-me nos cantos
nada vocais, sem tinta.
Que aranha seja e não
sinta.

O penhor e a usura
são desenhos desta mão.
Veneno no pincel do
escorpião.

A terra me ceva e eu
contamino a minha sarna.
(O cheiro de nojo nessa
lucarna)

Talvez hoje. Talvez sempre,
sou bicho, sou lagartixa,
vestida de gente e nunca
fixa.

Eis então o meu resumo,
fácil é constatá-lo.
Da vida somos só
o talo.

Sólida e só

Não como mulher
– seu pêlo de garça –
mas muro de ardente
sarça.

Não breve e inofensiva
– seu decorado rosto –
mas garra de sol
posto.

Não desatenta e viva
– o seio indivisível –
mas pá de solidão
audível.

Não trêmula e constante
– o desejo luzente –
mas árbitro do fato
potente.

Não o matiz intermédio
– de sexo equipada –
mas bravia orla
drenada.

Não a língua sutil
– entranha a lacerar –
mas a lucidez abjeta
do azar.

Não feminina. Fêmea
sólida e só, inteira,
por um instante eterno
– clareira.

5. DE O SIGNO E OUTROS POEMAS (1955)

Alguém é responsável pelo sol
que me algemou na luz retemperada.
Alguém, talvez açude sem espuma,
teu verso nu colhido à madrugada.

Alguém da terra ainda ergue a palavra
que onipotente me conserva verde.
Verde, pois nascida à boca e escrita
com seiva de certeza – e não se perde.

Inviolável posse a que asseguras
entre útero e amor, entre sangue e herança,
espelho da vitória ou das futuras

rosas velando a noite, a cinza, a mão,
e quando a nossa ausência for tão simples
que em outros estes olhos se abrirão.

Canção da participante

Não quero mais esse dia
molhado de sol e quente.
Quero a noite e quero a fria
dor de ser gente.

Não quero mais essa calma
da ilha do indiferente.
Que me floresça na alma
a dor de ser gente.

Seque a estrela nascida
da minha mão inocente.
E me volte a esquecida
dor de ser gente.

Quero gritar, e a voz?
Quero responder presente,
mas não me prendem os nós
da dor de ser gente.

Serei a vã estrangeira,
sem palavra que acrescente,
como mão de companheira,
à dor de ser gente?

Que um cilício de água
salgada e amarga me tente:
cilício de amor e mágoa,
dor de ser gente.

Aprendeí meu endereço,
ó dardos que me buscais.
E, se ao pranto me ofereço,
trazei mais.

6. DO CADERNO DE POESIA (1951)

Soneto

Desesperado amor, por que me buscas
e aceitas minha face de amargura?
Por que trazes envolta nas carícias
a rosa pura da desesperança?

Desesperado amor, que não alcanço
que me foge e me toma todo dia,
por que tanto te quero, assim sem nada,
apenas meu, tão meu e tão distante?

Por que estou só e tento acompanhar-te,
por que estás comigo e não te sinto
e há sempre entre nós essa recusa?

Teríamos os dois outros caminhos
sem nos determos a nos perseguirmos,
se não fosse esse amor desesperado amor.

Desencontro

Nem parece que o encontrei.
Estou vazia, embora o mar na minha porta.
Sabe? É a primeira vez que uma beleza
me chega assim e eu não a acaricio.

Nem parece que o encontrei,
tão distante estou e tão sozinha.
Os seus olhos criaram estradas enormes,
ah, nunca mais eu saberei voltar.

Estou inteira, sem chagas de ternura,
é certo, bem certo que você não viu minha vida.
E nem parece que o encontrei: estou chorando,
enrolada na inutilidade negra dos meus cabelos.

Poema de todas

Não conhecemos estradas sem marcas,
ficamos diante do mar,
da fria imensidão do mar.

Abrimos as mãos nas noites,
nossas desejadas noites,
nossas noites sem jasmíns.

Soubemos acariciar pobres rostos,
sem medida e sem amargura,
acariciar os perdidos rostos.

Agora ficaremos simplesmente
rodeadas de nossas meigas filhas,
se tivermos filhas, algum dia.

Agora ficaremos sentadas tranqüilamente,
dentro dos olhos esconderemos
doces histórias de estrelas desiludidas.

DOAÇÃO

de Maria Esther
de OLIVEIRA
em: 08 / 08 / 22
R\$ 3,00

COLEÇÃO

E N C O N T R O
C O M E S C R I T O R E S
M I N E I R O S

Coordenadora
Haydée Ribeiro Coelho

1. *AFFONSO ÁVILA* por Antônio Sérgio Bueno
2. *AUTRAN DOURADO* por Encida Maria de Souza
3. *ABGAR RENAULT* por Solange Ribeiro de Oliveira
e Affonso Henrique Tamm Renault
4. *DARCY RIBEIRO* por Haydée Ribeiro Coelho
5. *LAÍS CORRÊA DE ARAÚJO* por Maria Esther Maciel



ENCONTRO COM ESCRITORES MI-NEIROS tem como objetivo sistematizar, através do depoimento de seus mais signifi-cativos representantes, o perfil de certa parcela da produção literária brasileira, contribuindo, assim, para a preservação da memória cultural de Minas Gerais. Cada volume contém o relato da expe-riência intelectual dos autores escolhidos, o comentário crítico à sua obra, além de rico material iconográfico



ISBN 85-87470-32-9



LE

B
A
2